

n i t o

i n f i

Copyright © Coverge

CAPA

Washington Albuquerque

PROJETO GRÁFICO

Coverge

SUPORTE

Cláudia Spíndola

Volume em formato digital.

Os contos e expressões artísticas são de responsabilidade dos artistas e não refletem necessariamente a opinião do estúdio. É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos e ilustrações, por qualquer meio, sem atribuição dos devidos créditos.

Mande para o Coverge suas críticas, resenhas, comentários e sugestões:
hello@coverge.com.br

COVERGE

Design Multidisciplinar

“Criamos o que dá na telha.”

www.coverge.com.br

i n f i
n i t o

Encontros Inesperados

1ª Edição

Coverge
Curitiba
2020

Delírio

substantivo masculino

1. p.ext. confusão mental.
2. p.ext. profundo entusiasmo; exaltação.

Origem

ETIM lat. delirĭum, ïi 'alucinação, loucura'

Bem vindo à **DELÍRIOS**, uma publicação editorial contínua e independente, voltada para contos e expressões artísticas multimidiáticas de cunho fantástico. Do espírito e pensamento colaborativo, o Coverge toma inspiração e motivação para fomentar a criatividade, dando a artistas a oportunidade de compartilharem o seu talento, assim como nós o nosso trabalho, criando em conjunto com os que nos dão o mínimo de atenção, uma rede de parcerias, network e potenciais amizades.

INFINITO é parte deste universo e compartilha incríveis e únicos momentos de reflexão e experiências através do nosso sistema solar.

SUMÁRIO

Prado dos Homens Cadentes Rafael de Sá Souza	08
Os Ocultos Emergirão Lucas Rosalem	26
Mineração Espacial Cesar L Theis	36
Irrupção, Saturno! Adalto Campos	42
Eu, Eles e Nós JP Santsil	48
Coral Vivo Vitor Takayanagi	58
Contatinho Paulo Ismar Mota Florindo	82
A Verdade Sobre Ganímedes Vinícius Salviato Bom	92
A Herança de Telus Marcus V. M. de Araujo	106
A Ninfa Érulos Ferrari Filho	126
As Vespas de Saturno Bruno Oliveira	132
Belenus Lucas S. S. do Nascimento	140

"I've seen things you people wouldn't believe.
Attack ships on fire off the shoulder of Orion.
I watched C-beams glitter in the dark near the
Tannhäuser gate.
All those moments will be lost in time...
like tears in rain..."

Roy Batty
Blade Runner (1982) de Ridley Scott

**PRADO DOS
HOMENS
CADENTES**

Rafael de Sá Souza

Cinco dias à deriva em uma órbita planetária era tempo para se fazer crescer a ânsia do que estava para ser feito. Tudo o que estivera ao alcance da tripulação e da base havia sido executado, e Miguel sabia que a demora se dava pelo mais puro e genuíno desejo de adiar o homicídio em coletivo que estavam prestes a cometer. Tolice, pensou ele. Tudo fora decidido e consentido ainda na Terra. Enrolá-lo só tornava tudo pior, e isso o irritava, pois eles deviam saber das coisas. Queriam que ele revogasse sua permissão, era isso? Não valia o preço de uma vida humana a tão sonhada verdade científica sobre as grandes estrelas gasosas que flutuam pelo infinito?

A perna inquieta cessou ao movimento correção da porta de sua cabine.

— Miguel — a mulher deteve-se sob o batente metálico. Da beirada da cama, o astronauta aguardou o veredicto. — Estamos prontos.

Ele considerou um pouco, sem piscar, até que então a sentença final foi absorvida. Miguel cerrou os punhos, deixando o cômodo sem olhar para trás, tomando os corredores em passos ávidos até perceber que fazia pouco caso de seus últimos instantes envolvido pelo abraço acolhedor da gravidade. Devagar, sentiu o chão da estação como não o fazia desde sua primeira missão no espaço.

O corredor era ladeado de janelas. Um reflexo, bordas de uma grande esfera listrada em tons de castanho, vermelho e amarelo, começou a incendiar de cor o compartimento branco, e ele não teve alternativa senão parar e admirar o colosso celeste permeado de

redemoinhos. Júpiter fitava-o de volta em um tipo de conexão empática. Era chegada a hora.

A câmara central estava em polvorosa. Tripulantes aferindo ajustes finais, saindo e entrando de uma comporta circular acoplada a uma das saídas da Estação Semeadora, a grande promessa humana lançada às estrelas. No centro do compartimento, um anjo de corpo e asas de metal estava em espera. Meia dúzia de olhos puxados o permeavam com apontamentos e conferidas. Na linha cronológica da corrida pelo Sistema Solar, os norte-americanos conquistaram a Lua, a União Europeia o vermelho Marte, os russos o fervoroso Vênus, enquanto a aliança Sino-japonesa se guardava para um feito ainda mais grandioso.

10 Miguel contornou com os olhos seu traje espacial. O sentimento de pertencimento era inevitável. Os asiáticos podiam ter investido bilhões naqueles equipamentos, mas de nenhuma utilidade seria se ninguém possibilitasse que este cumprisse com o seu propósito. A vestimenta, feita aos moldes dos mitológicos seres angélicos da cristandade, era equipada com asas articuladas do material mais fino e resistente à brasão que o segundo planeta menos distante do Sol podia oferecer. O capacete de visor transparente guardava uma máscara respiratória. E por trás dos membros alados, duas cápsulas de vidro pendiam por cordões reforçados, como dois grandes tubos de ensaio pendurados como chocalhos de berço.

— Tudo certo com os pulmões? — Ele arranhou seu japonês com o cara de óculos que manipulava o vidro.

— Sim, senhor. Estão prontos para o cultivo.

— Maravilha — respondeu em português.

A presença do astronauta os compeliu a trabalhar depressa. As bisbilhotadas de esguelha, os olhares condescendentes, diziam mais do que palavras. Enquanto

vestiam-no de sua armadura envolviam-no também de reconhecimento e gratidão.

A cientista que o chamara se aproximou carregando uma cápsula branca. Nesta hora, todos os tripulantes se fizeram presentes. Com seus assistentes, ela desconectou os dois tubos transparentes, depositando no delicado suporte de algodão e água uma semente. Os cordões foram novamente encaixados, e com um dispositivo digital, acionou os comandos necessários. De repente, os dois invólucros se acenderam, e imediatamente a semente eclodiu, liberando um emaranhado de raízes brancas que se embrenharam no algodão, em seguida estendendo um caule fino em resposta à luz, de onde brotavam folhas variegadas em formato de coração. A planta cresceu serpenteante, dando voltas dentro do tubo até preenchê-lo por completo. O vidro ficou embaçado, a umidade condensou formando gotículas de água, limpando as paredes internas ao escorrer de volta ao algodão, e então de novo, e de novo, respirando e liberando oxigênio em seu processo fotossintético.

— Pulmões de Hera em pleno funcionamento — disse ela a todos. — Você tem dez horas de respiro do mais puro ar.

Ele inspirou para conferir, e recebeu o oxigênio com cócegas nas narinas e no peito.

— É cheiroso.

— Este é o ar que nossos antepassados respiravam. Diziam que tinha cheiro de nada — ela revelou.

Miguel acenou positivo com a cabeça.

— Adeus.

Com um acionamento dos dedos sobre as palmas das mãos, ativou os membros alados, que ganharam vida e se estenderam em seus cinco metros de envergadura. Então as recolheu, marchou pela plataforma, atravessou a

entrada circular da câmara de descompressão, e aguardou. A porta foi selada e a entrada da cápsula acionada, e aos poucos a gravidade foi o deixando, até que seus pés não tocassem mais o chão.

O veículo lhe daria uma carona até a atmosfera jupiteriana. Miguel flutuou até a posição demarcada e conectores automáticos se estenderam para segurá-lo. O capitão da Semeadora iniciou a operação, registrando todos os procedimentos padrão passados despercebidos aos seus ouvidos, até que foi feita uma declaração:

— Foi uma honra poder trabalhar com o primeiro homem de Júpiter.

A comoção por fim o inundou, mas não teve tempo de processá-la. As proteções das janelas transparentes do bico da nave foram recolhidas. A grande esfera listrada o encarava em espera.

Desacoplagem.

12 Taxiamento.

A nave de calda longa e bico pontudo deixava as cercanias da plataforma espacial em um flutuar silencioso, abandonando sua proteção sem que seu tripulante sequer percebesse. Foi com muito empenho dos que falavam pelo rádio que a voz transpôs o abafamento nos seus ouvidos.

— Sim, sim. Estou pronto. Estou pronto! — respondeu.

Os motores foram acionados, e a trepidação violenta passou a ser o combustível de sua adrenalina. Eclosão, e então propulsão. O transporte disparou. No instante seguinte, não havia mais céu estrelado. Tudo fazia parte da miscelânea de tons creme e alaranjado. *Van Gogh*, foi o que concluiu ao ver tão de perto o movimento pastoso e rocambolesco das tormentas de gás colorido. *Como as pinceladas de Van Gogh*.

O pico do transporte entrou em combustão ao

penetrar a aura do globo celeste, e toda a extensão da anatomia de Miguel se compeliu ao desejo de ceder à força da colisão, até que um acionamento involuntário de suas asas devolveu-lhe a noção real da situação. Ele não era um astronauta comum, e não dependia daquele frágil foguete, que tinha como único desígnio conceder-lhe mais tempo. Com comandos cognitivos, acionou a blindagem do traje, e ao seu mundo particular foi restaurado o silêncio.

A aeronave sacodia incessantemente, rompendo as barreiras invisíveis de Júpiter. Nos painéis laterais, luzes vermelhas piscavam alertas desesperados; a fuselagem pedia socorro. Miguel nada temeu, pois mesmo os ruídos chegavam abafados aos ouvidos. Ele estava blindado. Um homem inquebrável. E não cometeria as mesmas falhas técnicas da missão anterior, Eirene, tragada pelas tempestades em sua abordagem desastrosa.

A película havia sido transposta, e o terráqueo alcançado o topo do céu em uma das listras mais saturadas de Júpiter. O dardo de metal em combustão penetrou as nuvens dezenas de metros por segundo. Um quilômetro. O piloto acionou os mecanismos, e antes de se despedaçar, a nave implodiu de forma deliberada, lançando suas peças pelos ares, e junto delas, o tripulante. Miguel estendeu toda a sua envergadura alada e se entregou ao abraço violento da tempestade âmbar.

A colisão foi brusca, muito além de suas previsões. O arcanjo cromado foi arrastado através das correntes de ventania rodopiando como uma folha lançada ao léu, e assim teria sido levado se não tivesse propulsores em seu traje para lhe dar uma mãozinha. O tranco interrompeu o girar por tempo suficiente para pescar em seu visor o sentido da correnteza e estender seus membros. Desta vez, estes desempenharam de forma plena o seu papel.

Miguel montou a ventania, e partiu em frente planando como uma ave de rapina, nascido para pertencer ao céu.

Despencar errático através do firmamento de Júpiter foi o maior erro de todas as outras missões, começando por Galileo; todas despedaçadas pelas subestimadas forças dilacerantes dos ciclones. Uma tempestade não podia ser transposta à força, não se tivesse ela três mil quilômetros de espessura. A resposta era simples, estava no voo dos pássaros, que aceitavam sua pequenez e planavam em suas correntes, ao contrário de transpassa-las. A teoria foi o maior feito de Miguel na Terra, o que garantiu seu direito de voar; era basicamente o que precisava ser feito. Voar, planar por quanto tempo fosse capaz, e permitir que o inteligente traje coletasse toda a informação que o tocasse e que alcançasse sua visão.

14 Pela listra âmbar dardejou de asas estendidas. Vento era vento, não tardou para se ajustar.

— Estou voando Júpiter!

Reverberou em comoção para si mesmo, estendendo os braços e se entregando ao fluxo, com nuvens ciclônicas em laranja-vivo a rodeá-lo. A falta de retorno pela comunicação era esperada. Podiam fazer uma armadura com transferência simultânea de dados, mas o rádio não era de última geração.

O sistema de ventos de Júpiter era bastante intrigante, ele sabia, e por isso temia o imprevisível. A correnteza local, por motivos desconhecidos, passou a girar em torno dele, quase como se reagisse à sua presença. Logo ele se viu no olho de um gigantesco furacão, e dentro dele, menor, surgiu outro em sentido contrário, e nas margens outros. Um conjunto de engrenagens que moviam a epiderme daquele mundo. Ficou a perambular ao sabor dos ares. O traje já rodando uma infinidade de

dados. Temperatura, pressão atmosférica. Composição química. Uma rápida conferida no painel em seu antebraço revelou o funcionamento dos Pulmões de Hera, mas olhou por sobre o ombro para conferir por si mesmo. Estavam ambos intactos, atados como dois apêndices. As plantas pareciam vistosas. Miguel fitou avante e abaixo. Estava na hora de começar a agir.

Mergulhou.

Com uma torção para a direita, pegou uma corrente descendente e disparou em projeção de hélice em curvas longas; isso o levou com estabilidade por dezenas de quilômetros, até que uma massa ruidosa o compeliu a traçar um novo curso e saltar de um vertedouro para outro com um giro. No monitor, conferiu a câmera atrás de sua cabeça. Não havia mais vestígio do espaço. Estava imerso por completo.

O traje apontou um exponencial aumento de calor. Em sua descida de dez quilômetros saltou de trinta para sessenta graus célsius. Já era esperado. Então continuou discorrendo céu abaixo, aproveitando a calmaria do epicentro para se deleitar nas nuances plásticas nas cores dos gases. Lembavam, de certa forma, um entardecer de nuvens na Terra. Estava sozinho lá, estava sozinho ali. Por um instante foi como se somente os planetas tivessem sido trocados.

Após uma hora, deparou-se com uma turbulência inundando o que seria a base do vórtice ciclônico. Golpes de vento de múltiplas direções. Miguel empalideceu. Parecia como se gigantes assoprassem de diversos lados, nenhum curso de vento terreno se manifestava assim. Um mergulho naquele maremoto destroçaria ele e até mesmo seu traje. Então tomou o que esperava ser seu último recurso, mas logo ali, enquanto ainda arranhava a superfície do planeta.

Miguel cruzou com forte turbulência o espaço aéreo que o mantinha distante das bordas do grande funil giratório. Era o único jeito. Mesmo tendo testado sua armadura em redemoinhos terrestres, sabia que era tolice acreditar que dispunha de segura experiência e saber sobre aquilo. À distância, as correntes pareciam nuvens calmas, movendo-se em câmera lenta. À poucas centenas de metros de encontra-las revelavam-se como a ira de Zeus, o dono dos céus e das tempestades. Respirando fundo, e avançando teso como uma flecha, lançou-se nas paredes de vento, e foi tragado sem clemência.

Alerta! As defesas do traje piscavam advertências ao redor de sua cabeça, como se ele tivesse tempo de lhes dar atenção. De dentes cerrados, e punhos atados fortemente às asas, lutou contra a trepidação enquanto a correnteza desafiava seu avanço. Estar de braços estendidos dava-lhe a falsa sensação de possuir de fato as asas. Fez uso do

16

recurso para se inclinar e manter a envergadura.
— Acionar propulsores. *Agora!*

Seu comando se sobrepôs aos anticorpos digitais da armadura. Miguel foi impulsionado mais uma vez com o pouco combustível que dispunha, ganhando distância através das paredes do furacão, até que por fim forças externas começaram a interferir no giro, e nesse emaranhado de ventos incertos, a inteligência artificial encontrou um duto de escape, que o sugou para fora do grande corpo giratório ao arrastá-lo para baixo, onde os termômetros já marcavam 150°.

Estava muito, muito mais abaixo. Ao recuperar o controle de suas emoções, verificou que a manobra o arrastara para quase 200km de profundidade no céu jupiteriano. Havia batido o recorde de Juno. Voava mais profundo que qualquer outro robô havia conseguido. A conquista o preencheu de determinação, e Miguel

continuou descendo com mais perícia do que nunca.

Poucos quilômetros abaixo, sentiu na dureza do ar, na cor, e nos parâmetros aferidos o fim da primeira camada do céu. Nuvens escuras de um amarelo contaminado esfarelavam as bordas da torrente âmbar; a sensação premente era de repulsa e insegurança.

Tudo o que passou até ali fora somente um prólogo. Então vieram os 500km de tempestades de amônia.

O amarelo escuro foi tingido de negro.

Breu.

Miguel foi nocauteado e lançado para a direita por um golpe invisível, rodopiando mais uma vez, errático, no escuro.

A súbita ausência da luz provara-se aterrador. Ele manteve a calma, e desta vez juntou as asas ao corpo, e o rodopio lancinante se abrandou e permitiu uma jogada para emparelhar um novo fluxo de ar. Montou através de um, sempre descendente, apenas com o auxílio das indicações térmicas e eólicas. As luzes dos pulmões clareavam apenas o seu contorno. Ao lembrar-se das cápsulas vitrificadas não pôde deixar de fitá-las mais uma vez; revolviam como pêndulos a seguir seu deslocamento. A concentração de amônia estava altíssima. Não que duvidasse dos chineses, mas estava por conta própria. Precisava ter certeza.

A falsa suposição de colisão iminente era inerente ao voar pelas nuvens negras. Os sensores de calor apontavam rotores, novos vórtices para onde as correntezas convergiam. Tomou o que os parâmetros indicavam ser mais seguro, e o fez com urgência. Não gostava nada daquilo, nunca vira uma tempestade tão escura. Nem mesmo mergulhos no mar profundo foram tão desoladores. *Como um mundo morto. Sem luz.* Ponderou se aquele poderia ser o fatal destino de seu planeta natal.

Tudo estava uma bagunça quando partiu...

Uma anomalia cruzou o caminho pelo qual deslizava e o puxou, fazendo-o girar em parafuso. Olhou os dados no visor, o que conseguia ver através da trepidação. Não fazia sentido. De onde viera aquilo? Seu movimento de queda ganhava cada vez mais aceleração. Estava sendo empurrado através de uma espiral. Não conseguia recolher as asas, a velocidade poderia dilacera-las ao fazer o movimento.

Seria esse o fim? Subestimara as afirmações dos cientistas quanto à lógica – ou no caso a ausência da lógica – do complexo sistema de ventos do planeta titânico. Tudo poderia acontecer, e estava de fato acontecendo. E as trevas não permitiam que seus olhos conseguissem entender. Tudo que viam era o brilho emitido pelos Pulmões de Hera.

Os pulmões! A previsão o alcançou com assombro.

18 No rodopiar incessante lembrou do que poderia acontecer, e pela câmera traseira confirmou o pior. Se ele mantivesse a rotação em seu próprio eixo, os cordões das duas cápsulas poderiam se enrolar um no outro, e quando os extremos se chocassem...

A teoria seguiu o sentido de seu pensamento. Os cordões começaram a dançar próximos demais. *Vou perder meus pulmões!* Então fez o impensável, tentou uma guinada com as asas, rompeu com o giro constante, e todos os componentes de sua armadura se embolaram diante do impulso forçado. Ele capotou, uma cápsula girou em efeito chicote, passando à centímetros de seu rosto, mas desviou. O segundo pulmão não teve a mesma sorte, ricocheteou em suas costas, para depois se estender lânguido para trás como o outro, enquanto ele despencava sem controle. O impacto foi seco e abrupto, mas o vidro não estilhaçou. A pequena trinca, todavia,

logo se estendeu diante da força mordaz dos ventos, e a pestilência do ar adentrou o pequeno oásis. Tudo brilhou vermelho dentro do capacete. Instintivamente, Miguel procurou um botão no braço e isolou o fluxo de oxigênio do cordão, enquanto assistia pelo visor a hera da cápsula esquerda definhando.

Uma luz se apagou.

Pelas trevas, despencou. Sua respiração em ritmo crítico, o corpo minando suor por dentro da armadura, que não mais arrefecia com suficiência as temperaturas extremas do exterior. Os sentidos de terra e céu estavam perdidos, invertidos, embaralhados. Mas sabia que eram coisas vindas de dentro que o imobilizava. Do controle para o total desastre.

De súbito, tal como regiam as aleatórias leis físicas daquele diabólico planeta, clarões em amarelo ganharam destaque ao seu redor e, por sorte, os instintos de Miguel ainda estavam dispostos a fazer algo por ele. Por ventos de quase 400km/h, o arcanjo cromado se despiu do cientista e deixou o aviador tomar o controle, assumindo de frente a briga contra a fúria dos céus. Uma batalha já decidida antes mesmo de começar.

Através dos redemoinhos, correntes de energia pipocaram e partiram desenhando ranhuras, alastrando-se por todo o céu. Miguel sentia a estática eletrizante dos raios mesmo dentro do traje, à medida que desenhava curvas e manobrava entre os rabiscos amarelos. À cada desvio, uma nova eclosão maciça e ressonante. Se algum ao menos o tocasse, estaria acabado. O aviador irrompeu por uma camada de nuvens e atingiu um bolsão de ar quase inerte; uma arapuca armada pelos regentes da tormenta. O grande salão celestial se iluminou com uma explosão de raios tão ofuscante como se contemplasse de frente o sol. Isso foi a perda momentânea de sua visão.

Deste ponto em diante, Miguel desfilou pelo verdadeiro caos.

Conjuntos de furacões cercavam-no, permeados pela eletricidade, e de repente pilares de erupções de ar quente subindo, ascendendo ao topo das nuvens, resultado da tamanha pressão atmosférica combinada com o calor e as massas de ar em rotação.

Era inútil lutar. Aquele céu era hostil demais para um pássaro voar.

Mergulhado em torpor, envolto pela tempestade sombria da ira indomável de Júpiter, foi levado contra a sua vontade como uma andorinha ferida. As descargas elétricas dançavam ao seu redor desenhando tramas como raízes, agora como uma ameaça não levada mais a sério, pois o viajante não dispunha mais de vigor e audácia para desafiar o poder titânico daquele mundo. Restava-lhe somente um instinto protetor que há muito não o acometia. Com o restante de sua energia, seguiu em sua queda segurando firme o invólucro de vidro, usando sua pele cromada como escudo a fim de proteger a vida que repousava em seus braços, que lhe supria de oxigênio. Sustentava-o como um de sua prole, como os que tivera e não tinha mais. Um homem interrompido, mas não pela segunda vez. Aquele manteria o que era seu em seus braços até o último respirar.

Não mais lhe interessava defender uma causa já perdida. A aceitação veio depressa, e com ela a paz de não reconhecer mais o céu como seu inimigo. Assim, tornava-se mais uma vez honroso passar seus últimos momentos pairando pelo ar. Deixou que os ventos o levassem para onde quisessem, enquanto sua consciência variava; o retrato da exaustão de um ser terreno por tempo demais apartado da terra firme. Nesta embriaguez, testemunhou uma sucessão de coisas impossíveis.

Um som poderoso e constante ganhava cada vez mais volume, como o ruído ampliado de um helicóptero. Foi com a luminescência dos raios que vislumbrou em seu deslocamento vertical uma colossal hélice, emoldurada por um anel dourado, girando supersônica pela força dos ventos. O fluxo que escoava dela empurrou-o com um ventilador, e pelo tempo que percorreu em diagonal, cruzou pelo que se pareciam espessos cabos tensores, cujo começo e fim se perdiam no escuro, mas antes passando por diversos pontos do anel da hélice, como se de alguma forma fossem o sustento do gigante cata-vento.

A visão logo se perdeu, e quando percebeu foi que considerou o verdadeiro retorno de sua consciência à tona, somente a tempo de encarar através das nuvens escuras, que gradativamente perdiam sua densidade, uma vastidão líquida e acinzentada, quilômetros abaixo.

Não!

Como era possível? Foi rápido demais! Agora que chegara até ali, não queria acreditar. Um oceano de hidrogênio fluído, tal como as especulações dos cientistas mais brilhantes do mundo sobre o núcleo da maior estrela gasosa do Sistema Solar. Miguel procurou em vão pelo auxílio de suas asas, que depois de tudo ainda estavam inteiras, mas sem vento eram inúteis. Ar parado era o que lhe restava.

Não era para terminar daquele jeito. Concluía com êxito a missão pela qual havia disposto sua vida, mas afogado não era como imaginava deixar aquela existência.

O leito fluente estava próximo. Em um movimento de torção, o astronauta deu um jeito de revolver no ar e virar de barriga para cima. Pronto. Com o céu em seu campo de visão seria um pouco melhor.

Batimentos pesados martelavam o peito.

Miguel recebeu o impacto com suas costas.

Então sentiu como se cruzasse uma película, e não como se mergulhasse em um corpo líquido. E através dela, brumas brancas o envolveram em um abraço de acolhimento, e Miguel apagou.

Não esperara que o Paraíso fosse tão literal.

Abriu os olhos de novo. Ainda não estava acabado. Voava por um céu de nuvens claras – suas asas voavam –, e logo abaixo, acentuando ainda mais a brancura, uma fonte de luz ofuscante emanava poder.

Estou pronto, declarou, e aguardou o beijo da morte. Tudo se tornou puro branco, e tudo começou a ganhar cor mais uma vez à medida que continuava caindo. A luz ficou para trás, pairando entre as nuvens de um céu pardo, meio acobreado. Abaixo, havia dourado em movimento vivo. Um prado de grama alta em longos fios estendendo-se para todas as direções em elevações e barrancos, formando colinas. Nada daquilo fazia sentido, até que o mostrador digital começou a enlouquecer com tantos dados captados pelo seu sistema. Compostos químicos pertencentes à Tabela Periódica, outros ainda desconhecidos pela humanidade.

22

Miguel foi tomado por espanto. Não estava acabado. Alcançado pela perícia aérea de outrora, tomou as brisas e galgou os fluxos cálidos que percorriam por ali, à velocidade de 100km/h, que comparado com as torrentes dos furacões de cima não passavam de torvelinhos. O solo se aproximava, os parâmetros eram incertos. Ainda assim, preparou-se para o pouso. Um pressentimento lhe dizia que era seguro. À quinhentos metros começou a taxiar em movimentos circulares, analisando a topografia. Não encontrou sinal de rochas. Aproximou-se então com o auxílio do vento, com a barriga paralela ao nível do solo, diminuindo a distância até que esta não existisse mais. A vegetação densa amorteceu o toque com maciez. Miguel

pousava em Júpiter.

Colocou-se de pé quando teve certeza de que seria capaz. O equilíbrio e a gravidade o faziam se sentir engraçado, anestesiado. Todo o corpo doía. Por trás das asas arqueadas, o sobrevivente pulmão de herá, repousado sobre a vegetação alta, dava seus últimos suspiros. Restava-lhe poucos minutos, mas não se precipitou. A vastidão dourada seguia com o farfalhar das folhas compridas. Distantes, árvores de copas alaranjadas em folhas de mesmo formato se inclinavam, jogando suas cabeleiras ao vento. Acima no horizonte, como em um de seus sonhos mais fantasiosos, grandes águas-vivas viajavam pelo firmamento à semelhança de uma revoada de pássaros.

Uma onda de tontura o fez buscar apoio nos joelhos. Sentia falta de ar. Tirou o capacete, mantendo apenas a máscara atada por sucção do nariz ao queixo, e deixou que o frio sapecasse suas bochechas fartas e se embrenhasse em seu cabelo. Só depois ergueu a cabeça.

Uma criatura flutuava em sua direção, esbranquiçada, os múltiplos tentáculos no lugar das pernas conduzindo seu movimento pelo ar. Da cintura para cima era humanoide, braços e mãos compridas, com o busto levemente elevado onde seriam os seios de uma mulher. Até o longo cabelo liso sugeria sua natureza feminina. Ela pousou à sua frente, um metro acima de sua estatura. Seus olhos multicoloridos fitavam-no à medida que se inclinava sobre ele. Não tinha narinas e nem boca, mas o ser encontrou meios de se comunicar ao alcançar sua mente com um toque invisível poderoso.

“Ele não pode chegar até aqui!” — A voz feminina pronunciava o português com um sotaque estrangeiro. *“Ele não pode chegar até aqui!”*

A criatura continuou repetindo, com veemência.

“Eu não entendo.” — Ele respondeu através da conexão psíquica.

“Ele não pode chegar até aqui!” — A criatura agarrou suas asas com os tentáculos.

Miguel foi inundado de percepções que não eram suas, moldadas em forma de conceitos.

Ferramenta. Ciência. Tecnologia.

“Ele não pode chegar até aqui.”

Os tentáculos apertaram seus membros alados com vigor, a fim de destruí-los, ao mesmo tempo que outro envolveu seu pescoço. Miguel paralisou. O toque, todavia, deslizou devagar. Gélido. Gentil. A nativa sondava sua mente, e ele nada pôde fazer. Ela trouxe à superfície uma porção de memórias, todas relacionadas a decadência da vida terrena. Florestas em chamas. Cordilheiras de puro lixo. Uma desconexão gigantesca de seus habitantes com aquilo que lhes era mais sagrado. Aquilo que lhes provia vida.

24

Miguel entendeu de uma vez. O arcanjo de metal não era bem-vindo, pois era ele os olhos dos homens.

A tentaculosa se deteve em outras de suas instâncias mentais, demorando-se onde havia mais dor, onde imperava o luto, os sonhos fenecidos, a vida abandonada. Então foi a vez dela de compartilhar um pouco de si.

Um semblante impossível brotou de sua consciência singular. Ela também tinha cabelos longos, porém escuros, uma pele rosada, e olhos puxados. E depois, com um rompante, Miguel viu uma aeronave cair dos céus e se espatifar sobre a pradaria dourada. O nome partido na fuselagem já dizia tudo.

Eirene.

A humana da mente alienígena ensinava coisas, e usava sua boca para entoar melodias da Terra, hipnotizando uma multidão de tentaculosos ao seu redor.

A consciência do viajante de repente começou a se perder, como se escoasse para o além através de um reduto. Encarou a jupiteriana em sua altivez, esta devolveu o seu olhar com uma espécie de ternura, e Miguel soube que ela teria lhe dito que também era bem-vindo, se soubesse as palavras.

Antes que se quebrasse a conexão, um último lampejo foi lançado para ele. Uma grande mancha vermelha.

Regresso ao corredor de janelas da Semeadora, ele encarou Júpiter com duplo respeito e um espírito preenchido por um sentimento fraterno. Reconstituiu seus passos, despediu-se mais uma vez dos tripulantes, e embarcou no veículo espacial.

— Foi uma honra poder trabalhar com o primeiro homem de Júpiter.

Miguel sorriu perante a voz do comandante no rádio enquanto terminava de digitar a chave de protocolo secreta que cancelava o controle remoto da estação.

— Seu louco! O que está fazendo? — Berrou o chinês pela comunicação ao ponto que Miguel arremessava a aeronave em direção ao maior anticiclone conhecido pela humanidade.

A carona se desfez em pedaços e o entregou ao vórtice giratório vermelho. O humano planou com suas asas estendidas até perder o cosmos de vista. Burlou todos os sistemas do traje bilionário, e se despojou dele, lançando peça por peça, até restar-lhe apenas o essencial.

Com a máscara respiratória e dois pulmões luminosos despencou pelo firmamento de Júpiter mentalizando a criatura tentaculosa que lhe fizera um tipo de promessa. Respirou fundo, torceu para que desta vez fosse para valer, e que sua amiga alienígena estivesse prestando atenção.

“Pegue-me!”

OS OCULTOS EMERGIRÃO

Lucas Rosalem

12 de janeiro de 2028. Esse foi o dia exato em que os homens tiveram certeza.

Antes disso, no dia 06 de agosto de 2027, a NASA recebia informações coletadas pela sonda New Horizons no Cinturão de Kuiper que, ainda que não o soubessem de imediato, mudariam para sempre os rumos da agência norte-americana. Eu estava lá e todos os detalhes presenciei, mas não só isso.

“O que faremos agora? Vamos tornar pública a informação?”, era a maior dúvida entre os membros da alta cúpula da agência, mesmo muito antes da constatação que demorou meses.

Quando as milhares de imagens chegaram na primeira vez, muitos anos antes, a resolução não era nem perto daquela divulgada, já cheia de correções, filtros e ajustes que deixavam tudo mais apresentável ao “respeitável público”, que sempre aplaudia qualquer coisa que parecesse um avanço, mesmo sem entender absolutamente nada. O importante era ter aquelas doses periódicas sobre o vazio do Universo para tentar preencher o vazio de dentro. Até aí, só mais do mesmo.

Isso começou a mudar quando o bendito do Frank, estagiário fuçador querendo mostrar serviço, insistiu em fazer combinações diferentes das recém chegadas imagens de um corpo celeste de 240 km de diâmetro orbitando o Sol a uma distância de 46 UA, quase 7.000.000.000 km.

Inicialmente, a ideia era apenas tentar melhores resoluções com a menor quantidade de alterações que fosse possível. Frank talvez não fosse tão inteligente quanto seus colegas, mas isso era compensado pelo carisma e a lábia que usou para convencer alguns a trabalharem num algoritmo que pouparia semanas de trabalho. Conseguindo o algoritmo, Frank estipulou seus parâmetros de nitidez e deixou o computador trabalhar. Conforme o código acusava alguma combinação promissora, separava e sinalizava, e ele passava um tempo analisando até vir a

próxima. Continuou assim por um tempo, até uma das combinações chamar sua atenção.

A combinação de imagens gerava uma significativa nitidez em um ponto específico do corpo celeste que parecia ser uma instalação móvel parecida com o modelo que, não muitos anos antes, a NASA desenvolveu para tentar enviar para Marte. Frank grudou os olhos na imagem paralisado, a princípio sem se assustar, achando curioso que a formação rochosa tivesse ficado daquele jeito naturalmente – ao menos com aquela combinação de imagens. Frank, achando graça, mostrou a imagem a um colega, que mostrou para outro e assim por diante até chegar em um dos seus superiores, George – que no caso sou eu. Eu olhei as imagens e não achei graça, mas fingi que sim e, sem dar indicativos, levei ao restante da administração com pressa. Só precisei fazer isso.

28

Nos dias posteriores, uma equipe já havia sido designada para levantar dados recentes sobre absolutamente todas as centenas de sondas enviadas da Terra. Com mais alguns dias, até mesmo cogitava-se que algum país ou agência pudesse ter encontrado uma maneira de enviar uma sonda secreta. Supunha-se tudo, menos o que parecia mais evidente. Até então, não havia alvoroço e os poucos que haviam sido envolvidos não tinham muita noção do que estava acontecendo. Mas as perguntas começariam a surgir com a decisão inusitada de alterar a rota da New Horizon, o que custaria muito dinheiro, para olhar de perto o corpo celeste, denominado inicialmente de 2027 LY, a essa altura apelidado de Uninvited. A NASA já havia gastado mais de 1 bilhão de dólares com essa missão, mas aquilo era diferente, talvez até útil, coisa rara na agência. “Quem diabos levou uma instalação móvel pra lá se não fomos nós?”, essa era a pergunta que valia o desvio da rota.

Foram vários meses até a sonda voltar até cerca de 8.000 km de Uninvited, distância segura de onde mais

imagens seriam capturadas para tirar a dúvida que não deixava um grupo, já não muito seletivo, dormir direito havia meses.

Com as imagens novas, uma primeira certeza: de fato, havia uma instalação por lá, com aspecto semelhante ao projeto da NASA, mas, sem dúvida alguma, enviada por outra agência muito mais avançada, pois a própria NASA ainda não havia lançado com sucesso nem mesmo para Marte. Aquilo bastou para que membros da administração contatassem o presidente.

Logo de início, a sonda já detectava sinais que eram enviados da instalação. A questão era saber quem estava recebendo os sinais. Até janeiro, a sonda ficou colhendo dados bem próxima do corpo celeste, repassando os sinais por tempo suficiente para os especialistas perceberem que não tinham nem chance de entender aqueles dados. Com a melhor tecnologia humana, eles estavam entendendo tudo errado. O orgulho atrasou que as informações fossem passadas também para os demais países que sabem muito mais do que revelam – dentre eles, a Alemanha, a Rússia e o Japão. O orgulho daria lugar à insegurança muito antes do que eles imaginavam.

12 de janeiro de 2028 chegou.

Com todas as agências de olho, a sonda simplesmente parou de enviar sinais e desapareceu. A partir daí, as maiores potências mundiais, em uma secreta parceria, tentaram de tudo, mas foi inútil.

Havia algo lá fora, algo perto, e estava de olho neles todos.

Dentro de cada agência, além dos envolvidos serem poucos, as informações eram incompletas. Nenhuma daquelas nações podia entender o que estava acontecendo de verdade. Os sumérios, esses sim, se não tivessem desaparecido, tinham informações necessárias tanto para entender o problema quanto para uma possível prevenção. Talvez os acadianos também, mas os sumérios, sem dúvida. Se ao menos a humanidade tivesse

acesso àqueles escritos enterrados nas ruínas de Uruk, cidade também enterrada, as coisas seriam diferentes. Bem, eu tenho algumas informações privilegiadas.

//////////

No início, quando parte dos Acsĩ foi seduzida pelos humanos, Kamah-tu-Manta foi o primeiro a ter seu filho gerado de um deles. Tão logo a criança nasceu, Nuhah colocou um acsi para guardar o portal entre os planetas, impedindo que as criaturas geradas entre eles fossem para Fonte Azul.

Em pouco tempo, o número de seus filhos com os homens cresceu assustadoramente, tanto quanto o ressentimento que eles tinham por não poderem atravessar o portal tal como os humanos. Essas criaturas híbridas eram gigantescas, agressivas, cheias de malícia, poderosas e assustadoras. A perversão dos homens foi em muito superada por eles, espalhando caos, medo e devassidão, corrompendo ainda mais os homens, dos quais poucos ainda mantinham-se retos.

Mesmo entre os mais cruéis homens, havia grande temor pelos gigantes brutais que livremente espancavam, estupravam, roubavam e matavam como que por diversão. Os homens começaram a se reunir para tentar invocar os Acsĩ para que os livrassem de tão lamentável infortúnio. Para isso, levantaram suas torres, cada vez mais altas, a fim de voltar a atenção dos únicos seres que pensava-se poderiam livrá-los das bestas feras por eles geradas. Os Acsĩ, no entanto, estavam divididos em três grupos diferentes que simplesmente não se importavam. Havia os não-caídos, os caídos e, dentre estes últimos, os vaidosos que geraram as bestas. Cada grupo com sua agenda, nenhum deles pronto a atender os homens.

Em tempo oportuno, no entanto, Nuhah anunciou juízo sobre todos os seres viventes do planeta.

Antes do pronunciamento, Nuhah limitou os originadores dos híbridos gigantes, impedindo que eles deixassem a Terra. O anúncio da punição foi feito, primeiro, aos Acsĩ, depois a um representante dos homens que, sem merecer, escaparia do juízo com sua família para repovoar a Terra, registrados, depois, por centenas de povos diferentes. Ele também recebeu instruções detalhadas para a construção de uma caixa de madeira grande o suficiente para salvar espécimes de todo o reino animal, salvo os aquáticos. No anúncio, Nuhah ordenou que o guardião do portal usasse toda a sua força para lacrá-lo indefinidamente. Foram séculos até a caixa ficar pronta e todos os espécimes serem reunidos. Quando o projeto ficou pronto, veio o juízo.

Num piscar de olhos, abriram-se as comportas do céu e romperam-se as fontes do Abismo expulsando a toda força suas águas, que jorraram e abriram o chão, dividindo e enchendo a superfície do único continente até então. A abertura imensa não mais se fechou, engolindo um a um os sentenciados dentre os Acsĩ, juntamente com seus cruéis filhos e tudo o que caminhava sobre a face da Terra.

Com a devastação, Nuhah prometeu não mais punir a criação daquela forma. Por causa da promessa, mal o tempo passou e outro grupo, dentre os caídos, se tornavam semelhantemente vaidosos como os anteriores, tomando mulheres para si, gerando uma nova leva de híbridos como aqueles tragados pelo chão.

A repetição da injúria trouxe novamente o avanço da corrupção sobre a Terra. Com medo, os homens, que não sabiam para que serviam as antigas torres, mas com informações repassadas geração a geração desde a única família que presenciou o evento catastrófico, intentaram erguer uma outra, maior que todas, pensando que assim escapariam caso Nuhah não cumprisse sua promessa.

Nuhah, por sua vez, cumprindo a promessa, mas decidido a dar um fim ao problema, banuiu os vaidosos e

seus filhos para outra habitação nesta dimensão, distante, bem distante, num lugar que preparou para que a raiva e a vaidade dos tais consumissem a si mesmas, enquanto acumulavam ira para si.

Por aqui, houve confusão entre os homens, de forma que todas as associações foram atrapalhadas, exceto uma: a família. Cada família compreendia seus membros, mas não podia compreender as demais. A linguagem foi confundida, atrasando todo e qualquer avanço que o homem sequer poderia agora conceber. Não até muito tempo depois.

Lá, distante, bem distante, uma civilização rapidamente se organizou. A tecnologia se formou e evoluiu aceleradamente com a ajuda dos vaidosos, mas já teria crescido depressa apenas com os híbridos, de virtuosos e vigorosos que eram, e são. Sobretudo, os híbridos não foram afetados pela confusão, o que significava que ainda podiam usar naturalmente a linguagem original e, portanto, tinham acesso irrestrito à magia.

Desde antes do banimento, os híbridos desprezavam e não davam valor aos homens. Agora, passaram a odiá-los, constrangidos pela impotência diante da soberania de Nuhah e do seu apego à raça inferior original. Não somente isso, mas alguns dentre os vaidosos e dos próprios híbridos envenenaram ainda mais as mentes dos banidos não só com a ideia, mas com a promessa de retorno para seu lugar, a Terra. A promessa se tornou uma motivação irritantemente suficiente para toda a prática discursiva de cada líder que se levantava.

Distantes, bem distantes, eles levam cada um sua vida. Hoje, eles têm profissões, talentos, famílias, sonhos... Mas eles, todos eles, cada um ao seu modo, anseiam pela promessa feita a eles, há milênios, de retornar e tomar aquilo do que foram privados. Cada um ao seu modo. Inveja, esperança, ideologia, cobiça, vingança ou mera manipulação emocional. Um dia eles

voltarão. Eles certamente voltarão.

//////////

Apesar de banidos, os vaidosos não estão presos ao novo planeta. Aliás, desde o início suas visitas foram tão frequentes e inusitadas, que neles está a origem da maioria das mitologias, lendas e até religiões humanas, muitas vezes também convivendo entre eles sem serem notados. E não apenas isso. Se hoje há por aqui toda uma cultura de ficção e até expectativa sobre invasões alienígenas, se deve aos raptos feitos por eles, que não raras vezes levam pessoas até aquelas habitações, numa viagem não tão rápida, mas segura, para presenciarem como a raça humana poderia estar em termos de avanços tecnológicos. Como a conversa que mais se houve por lá é sobre sua invasão assim que possível, os abduzidos, confusos, voltam pensando e divulgando apenas isso. “Estão loucos”. Ah, se soubessem!

Ah, se soubessem o quão próxima está aquela tecnologia, com toda aquela vasta cultura que se desenvolveu exclusivamente com essa pretensão.

Nos avanços, por longo tempo, o foco dos híbridos nunca foi parecido com o dos homens, nunca foi voltado para exploração, descobertas, muito menos terraformação. O foco sempre esteve na construção de transportes grandes e rápidos o suficiente para a vinda de todos eles, de uma só vez, sem deixar ninguém para trás. Eles chegarão lá, mas ainda precisam se desenvolver mais. A tecnologia está pronta, falta abarcar o contingente todo. E quando acontecer...

Nesse intento, os vaidosos poderiam trazê-los, mas não os ajudam porque temem Nuhah. Mas algumas vezes o temor parece dar lugar à vaidosa expectativa de que tudo logo se acabe, ou pelo menos se a vinda dos híbridos não acelerar as coisas, que torne tudo mais interessante.

Foi assim que, em 2026, o esquema detalhado das instalações da NASA, feitos com objetivo de alojar pessoas em Marte para pesquisas interessantes apenas para quem não está com os pés no chão, foi levado, em tom de provocação, para os avançados lá, distantes. Eles, porém, não recusaram a informação e ainda aprimoraram a tecnologia e enviaram uma base, nunca antes desejada, para o até então desconhecido corpo celeste gigantesco entre eles e a Terra. O propósito? Ficar de olho no avanço dos homens.

Como eu sei disso? A minha vaidade não me permite dizer.

MINERAÇÃO ESPACIAL

Cesar L. Theis

Ano Terrestre 2147.

Espaçonave mineradora Atlântida.

Asteroide Germania entre a orbita de Marte e Júpiter.

Registro de Bordo da Viagem: 4 anos 3 meses e 21 dias.

O fracasso das tentativas de colonização planetária no final do século XXI, evidenciou que precisávamos além de uma base lunar avançada do início da mineração no espaço, neste segmento o grupo NewGen foi o pioneiro em ciber-mineração.

A proibição internacional de mineração da lua, produziu uma corrida pelas riquezas do depósito de asteroides localizado entre a orbita de Marte e Júpiter, especialmente do asteroide Germania.

Após desenvolver os primeiros androides autocéfalos equipados com núcleos nano-positrônicos de terceira geração e estrutura quântica para suporte a Inteligências Artificiais Autônomas (IAA), a NewGen se tornou absoluta na ciber-mineração espacial.

A colossal espaçonave mineradora Atlântida operada pela inteligência artificial autônoma Atlantes, com vinte tripulantes e aproximadamente quinhentos androides autocéfalos de última geração, é capaz de coletar e processar em movimento duzentas e cinquenta mil toneladas de minério de alto valor.

Fui tentado pela aventura e a promessa de riqueza, uma década no espaço em troca de mais dinheiro que poderia gastar na vida; pareceu uma ótima oportunidade para um engenheiro de Machine Learning.

Contudo, logo descobriria que o retorno triunfante seria um sonho, após os sensores detectaram uma explosão no espaço fomos atingidos por uma onda de choque magnética que colapsou os sistemas de suporte a vida, gravidade e navegação, fazendo Atlântida ficar à deriva no vazio do espaço, além de inutilizar

completamente os andróides abordo da nave.

E enquanto fazia um esforço para me segurar tentava restabelecer ordem aos sentidos, atordoado pela pancada na cabeça, percebi um sangramento, e o pavor de estar em uma nave desgarrada na vastidão do universo teve que esperar pela urgência produzida pelo ferimento.

O sangue, a temperatura descaindo rapidamente, o absoluto silêncio e a escuridão produziam uma singular combinação capaz de sagnar temor mesmo a um niilista convicto, e então lembrei dos bastões luminosos na lateral do uniforme, só precisava alcançar a panturrilha.

A luminosidade fluorescente produziu um momentâneo alívio, e permitiu que avistasse a portinhola onde ficavam os materiais de primeiros socorros, enquanto flutuava sentia as pontas dos dedos quase congelar quando tocava a fuselagem, alcancei a portinhola segurando o bastão entre os dentes e apliquei o spray nanocontensor sobre o corte da cabeça.

38

Estava no nível 14, no setor L, retornar ao setor médico não seria produtivo, então a única escolha viável era chegar ao nível 17, na sala de controle da espaçonave, talvez pudesse obter mais informações sobre nossa situação com a tripulação da Atlântida.

E, antes que pudesse dar o primeiro salto, avistei pela janela um estranho brilhar de luzes que irrompiam da escuridão, estranho pois até a nave estava às escuras, porém, os feixes de luz desapareceram e a circunstância de estarmos à deriva no espaço me impeliu a ignorar aquele acontecimento.

Peguei mais alguns bastões luminosos e comecei a saltar seguindo pelo corredor ainda com algum atordoamento. Alcancei o final do corredor subi a escada do acesso de segurança até o nível 15, e enquanto tentava recuperar o fôlego avistei novamente o compêndio de luzes que parecia se aproximar da nave.

E sem que pudesse recuperar o fôlego intentei saltos longos aproveitando a ausência de gravidade. E

superei o nível 16, e ao atingir o nível 17 parecia não existir nenhum oxigênio nos pulmões, e meus sentidos foram desfalecendo.

Quando acordei avistei Laura, engenheira de mineração, que foi dizendo.

— Capitão ele acordou!

Enquanto tentava me levantar fiz uma breve inquirição da sala de comando, Laura, o capitão Thomas, e três técnicos do processamento de minério, e antes que terminasse de divisar reparei o corte na porta da sala. Imediatamente o capitão se aproximou indagando.

— Você está bem?

— Sim, só preciso respirar.

A expressão tensa do rosto do capitão me levou a acreditar que também haviam percebido a aproximação dos estranhos objetos luminosos. E indaguei.

— Qual o plano capitão?

— Precisamos recuperar o reator da nave.

E mesmo sabendo que o capitão não teria uma resposta perguntei.

— O que faremos a respeito dos estranhos objetos luminosos?

— Que objetos luminosos?

A pergunta do capitão emergiu uma incerteza... teria alucinado? A pane havia desativado as proteções defletoras de radiação cósmica das janelas, então pelo material transparente procurei na direção da antiga posição dos objetos luminosos, sem dificuldades os encontrei, e pelo tamanho estavam mais próximos da nave, àquela altura a estranha explosão e a presença dos objetos luminosos não parecia apenas coincidência.

Considereei como poderia disser sem causar pânico, mas, nada me ocorreu, então apontei e disse.

— Aqueles objetos luminosos!

E enquanto tomados pelo sentimento de negação discutiam alguma explicação racional, estava envolvido em outra questão, tínhamos entre o restante

da tripulação apenas três pessoas autorizadas no sistema de controle de armas letais, o restante o reconhecimento de DNA impediria sua utilização.

A brevidade da nossa força bélica tornava a opção de um confronto direto uma escolha com baixa possibilidade de sucesso, precisávamos de outra alternativa.

Contudo, sem proteção e à deriva éramos alvo fácil de uma abordagem hostil, talvez até um destino súbito fosse melhor que definhar para a morte, é verdade seriam longas horas de espera, mas o desfecho talvez fosse breve.

Pouco havia a fazer, restou esperar enquanto Atlântida seguia a deriva na escuridão do espaço. E finalmente o momento “deus ex-machina”, uma espaçonave descomunal se aproximou, e imediatamente fomos engolidos para seu interior, tamanha desproporcionalidade foi como se uma baleia abocanhasse uma sardinha.

40

E enquanto esperávamos pela revelação de quem ou do que comandava a espaçonave, percebi que a energia que dela fluía se direcionada pelo sistema auxiliar poderia ser suficiente para gerar uma transmissão de vídeo.

E com uma sequência de reconfiguração do sistema auxiliar consegui habilitar a ligar a câmera da sala de controle, programando o envio para a estação avançada lunar, na esperança que no futuro alguém recebesse o vídeo. Então voltei e sentei com o restante da tripulação do centro da sala, nossa estratégia era simples, uma rendição incondicional.

Quando sentei era possível ouvir barulhos vindo do corredor, e então um feixe de laser vermelho começou a cortar a fuselagem da nave próxima a porta, o tamanho do corte evidenciou que seria algo bem maior que um humano que estava do outro lado, suspirei como quem aceita o destino.

E quando o pedaço de fuselagem caiu um enorme

autômato armado cruzou a abertura, a estrutura corpórea da máquina não apresentava nenhuma articulação, como se fosse inteira feita da liga cinza escura, apenas na parte superior uma abertura que parecia funcionar como sistema de reconhecimento.

Havia uma perfeição no movimento do autômato, embora a liga fosse resistente se adaptava em consonância ao movimento, algo próximo de uma nanotecnologia, e embora a matéria fosse diferente sua estrutura evidenciava semelhança com o corpo humano.

E, assim não apresentamos resistência sentados cabisbaixos no centro da sala. Tivemos as mãos presas por uma espécie de alga magnética, a falta de qualquer resquício de surpresa do autômato e a destreza em prender-nos com as algemas tão específicas evidenciava que provavelmente não éramos desconhecidos para aquela máquina.

E algemados começamos a ser conduzidos, enquanto caminhava divisei a câmara e a luz vermelha piscando, fomos escoltados por dois autômatos até a área dos compartimentos de prisão, fomos isolados na cela.

Enquanto analisava as possibilidades criadas pela transmissão de vídeo, um alheio pensamento irônico me afetou... o rolar do dado do acaso nos tirou a riqueza eminente e de quebra nos levou a ser os primeiros humanos prisioneiros de uma raça extraterrestre!

IRRUPÇÃO, SATURNO!

Adalto Campos

O mar naquele dia encontrava-se belicoso, narrando à Artur, fixado onde as ondas quebram, que, algo ali, não tão distante da praia, havia realizado um pouso conturbado. O menino arqueou os ombros e projetou o corpo para frente, na intenção de identificar o corpo que clamava por ajuda. Na verdade, não sabia bem se era um corpo humano, mas, de fato, o organismo vivo lutava para sobreviver entre uma onda média e outra grande.

Mesmo sendo considerado pelo restante da aldeia como uma pessoa extremamente fleumática, Artur, constatando pela quarta vez em menos de dez segundos que estava realmente só, não mediu esforços. Tracionou as panturrilhas e se atirou na água como um projétil de guerra. De início ele não achou que seria tão difícil assim, mas, à medida em que ia se afastando da costa considerou que esta não havia sido a melhor opção.

E qual teria sido?

Ele não tinha descoberto a voz.

Nada saía de sua boca além de pequenos grúidos.

Quando riam pelas suas costas, Artur engolia as lágrimas.

Lágrimas tão salgadas quanto a água do mar.

Ele não tinha descoberto a voz, ainda...

Por espanto, ou talvez desespero, Artur não fitou diretamente os olhos no corpo estranho. Agarrou o organismo vivo, entrelaçando-o em seus braços firmes. O corpo, que possuía uma consistência gelatinosa como a de um polvo, escorregava com facilidade.

Antes que o instinto o fizesse driblar, uma onda repleta de sargaço veio com força total, e, imediatamente ele prendeu a respiração e fechou os olhos. Quando tornou a abri-los, já encontrava-se em terra novamente, debruçado contra a areia e os próprios fios de cabelo.

O organismo pulsava a uns quatro metros de distância dele sobre a areia úmida, como um coração de criança quando se está brincando de esconde-esconde.

Artur, agora de pé, cambaleando, olhou de soslaio para verificar se realmente estava sozinho, e depois fitou com certa serenidade, o cerne das nuvens.

Em uma delas havia um furo grosseiro e um rastro magenta, meio macabro, que encadeava o horizonte. Era como se um meteorito houvesse rompido o firmamento.

Ele deixou toda aquela teoria celestial para trás, e, se prostrando diante da forma, encostou uma das orelhas próximo ao corpo. Não ouviu nada, apenas grúidos.

44

Naquele momento, Artur teve a certeza de que nunca saberia descrever sua forma exata, contudo, o que conseguiu fisgar, em termos de aparência, foi que ele se assimilava muito aos humanos, tirando, é claro, a textura da pele, a falta de pelos, e a ausência de um nariz.

As mãos e pés não continham dedos, eram idênticos à placas plásticas, bem como os olhos, tão claros e vistosos que ele se perdeu nos próprios pensamentos.

De certo, o organismo tinha duas passagens auriculares, ao menos era o que Artur supôs. Ele tornou, então, a soltar um grúido, e o corpo respondeu (se der para entender assim), com dois.

Um dos braços do organismo encaminhou-se em direção ao sol, e, como se quisesse chorar de dor, Artur entendeu prontamente.

Em poucos segundos ele o trouxe para dentro de sua cabana.

Um lugar humilde, com poucos móveis, mas muito aconchegante.

Os pais deixaram tudo por fazer, nada estava no lugar certo.

Ele, por ter espírito livre, não se importava, mas como era cobrado duplamente por não ter voz, ou não ter *descoberto a voz*, a liberdade não viria tão cedo.

Novamente esmagou seus pensamentos, e deitou o organismo sobre sua cama.

Por ter menos do que um metro, carregá-lo não foi um grande problema.

A camada mais fina da pele, aos poucos, assumia uma forma quase que obnubilada.

O pulsar, cada vez mais intenso, como se os ossos convulsivassem.

Ele estendeu uma das mãos até Artur, e, como se todo espanto tivesse dissipado, Artur se dispôs ao seu lado, como um pai ficaria ao lado de seu filho doente.

Não bloqueou mais os pensamentos.

Como se fossem *flashes*, Artur entendeu absolutamente tudo o que o organismo queria, ou, melhor, precisava que ele fizesse. Não foram palavras, nem grúidos, nem símbolos, mas uma comunicação muito mais espontânea e direta através do contato e do olhar.

Artur lançou sobre o corpo dele, água mineral, não se importando em qual estado a cama iria ficar. Depois, assim que atirou a garrafa no chão, retirou com violência do armário, cobertores que só usaria no inverno, além de puxar, também, inúmeras toalhas.

Ele permitiu que o próprio se secasse, e, após feito, manteve-o coberto com camadas e mais camadas de lençóis. As cortinas, agora, completamente fechadas, e, o que se mantinha aceso, ou o que se poderia manter aceso, era o fogo, através de uma lamparina antiga.

O organismo fisgou Artur pelo olhar novamente, e ao dar um passo em falso para trás, ele negou três vezes, o pedido. Ele não conseguia andar pois, na queda, sua

perna esquerda estava com um osso deslocado.

Nas rebarbas do quarto escuro, Artur rangeu os dentes, e, de sua boca, novos gruídos saíram mais agudos que o normal.

A forma extraterrestre ao observar a dor inexistente e irônica do rapaz, brincou um pouco com o fogo. Os dedos guiavam as chamas de um lado para outro, e as faziam dançar, como um casal apaixonado. Seus olhos se abriram em emoção, e, sendo difícil para Artur acreditar que tudo aquilo era real, fez o que ele mandara.

Apoiou a perna sobre seu joelho, e a torceu para dentro.

Entre os dois, apenas a dor, sem anestesia, e depois, endorfina pura.

Ambos caíram na gargalhada como se nunca tivessem rido antes.

46

O riso saia abafado, sem complemento de vocais. Nada mais importava.

Ficaram assim por longos dez ou quinze minutos, até que Artur quase perdeu o fôlego.

Quando a seriedade os encontrou, o corpo estirou as duas mãos em volta do pescoço de Artur.

Artur não sentiu medo, nem angústia, e nem nada que caracterizasse repulsa, mas ficou curioso, e lançou uma última pergunta para o habitante de uma das luas de Saturno:

— Eu também não tenho voz para você?

E o habitante respondeu pelo pensamento, tão fleumático quanto Artur:

— Pelo contrário. Essa voz que você tem, poucos irão entender. E como poucos tem essa capacidade, você já está construindo seu caminho para a liberdade.

Artur adormeceu quase que de imediato.

No dia seguinte, embasbacado pelo *sonho* e pelos absurdos, riu da própria imaginação. Mas, assim que avistou um de seus lençóis batendo contra a areia da praia, lutando para permanecer na superfície, Artur não conteve o largo sorriso, e agradeceu aos céus, aos mares, e, claro, ao habitante de uma das luas de Saturno, que, talvez, um dia, se desse sorte, ele tornaria a reencontrá-lo.

**'EU', 'ELES', e
'NÓS'**

JP Santsil

Sabíamos que estávamos sendo vigiados por 'ELES'. Muitos relatos de abduções, fotografias e filmagens de suas naves e tecnologias não paravam de ser publicados nas redes sociais. Porém, por esforços dos governos mundiais que negavam e ocultavam os fatos, e também, por uma certa mescla de realidade e fantasia nos filmes e seriados hollywoodianos, e, provedoras globais de fluxos de mídias via streaming, além da ignorância que era pregada nas diversas religiões de sermos o centro do universo, ignoramos os sinais por 'ELES' transmitidos.

'ELES' até que apelaram a partir da década de 1970, quando começaram a desenhar os agrolifos nas culturas de certas gramíneas, por meio do achatamento de culturas como: cereais, colza, cana, milho, trigo, cevada e capim. E era obvio que não tínhamos ainda tecnologias para realizar o feito desses complexos e grandes desenhos em apenas algumas horas. Mas, mesmo assim, ignoramos. E, criamos soluções para explicar o inexplicável, e tudo foi abordado como um feito fictício. Então, pagamos o preço por mesclar a realidade e a fantasia, não sabendo mais diferenciar uma da outra. Assim, preferimos viver o engodo, e fomos enganados por nós mesmos.

Entretanto, 'Nós' criamos a S.U.P.E.R (Superintendência Universal Para Extraterrestres Relações), em que na verdade era uma organização oculta e privada, que se fantasiava de uma Ecovila Sustentável criada por uma rede mundial de cientistas alternativos ufólogos, e pequenos empreendedores startup nos ramos da cyber tecnologia e biogenética (biohacking).

Éramos perfeitos na arte do engodo, pois utilizamos as técnicas alienantes do sistema contra ele

mesmo, ao fundarmos nossa Ecovila na Patagônia, que cobria uma área como mais de 239 km², banhada pelos paramos das geleiras andinas, com terras hiper férteis. Abrigando uma população de mais ou menos cinquenta e cinco mil habitantes de várias nacionalidades do mundo. Em que nosso maior foco agrícola e produção eram cânhamo, cannabis medicinal, morangos, uvas, cerejas, cevada e lúpulo, além de muitas criações de animais. E assim, fabricávamos os melhores vinhos, cervejas de cannabis e espumante de morango do mundo. Tudo de origem orgânica e primeira qualidade, e sem a necessidade de máquinas elétricas, ou movidas a combustíveis fósseis, tudo manufaturado a moda antiga, em que o trabalho humano e animal era o nosso maior forte.

50

Vivíamos como antigos povos, antes da revolução industrial, nossas roupas, casas e utensílios eram manufaturados naturalmente, e nossas tecnologias eram 100% artesanais, permanentes e renováveis. Também, focávamos em energias sustentáveis como eólicas e fotovoltaicas, em que criamos a maior usina sustentável do mundo, que fornecia energia para todas as vilas da Patagônia por um custo acessível e barato, além de doar energia de graça para todas as dependências e prédios governamentais dessas vilas. Estratégia nossa, para implementar esse projeto com apoio intergovernamental, tanto da Argentina como do Chile.

Porém, tudo isso não passava de uma capa que cobria o livro. Pois, subterraneamente éramos outra coisa.

A S.U.P.E.R era um segredo de um punhado de famílias dentro da Ecovila, punhado esse, que era formado pelas pessoas menos relevantes da nossa comunidade eco agrícola. Na verdade, 'NÓS' éramos os fundadores dessa comunidade, mas passamos o nosso poder para os antigos

moradores da região, transformando-os de simples camponeses em grandes empreendedores. Alguns ganhadores de prêmios Nobel e outras condecorações internacionais. Porquanto, eles eram nossas máscaras, e nem eles, como também, os outros moradores da Ecovila sabiam disso. 'NÓS' éramos um mistério... um segredo bem guardado por pactos de vida e morte, em meio ao paraíso andino.

No submundo dos nossos quartéis subterrâneos, situava o centro tecnológico e informativo de nossa inteligência. Tínhamos uma empresa operadora de satélites, a StarSky Corporation, que atuava em 52 países com sedes em Israel e na China, além de 32 empresas subsidiárias de telecomunicações espalhadas pelo mundo. O que facilitava nossa rede de comunicações e informação, dessa forma, tínhamos olhos e ouvidos em todo lugar.

Contudo, estávamos também sendo vigiados, e de início não sabíamos. Aquele fato da coisa observada, observar o observador. Pois, nossos servidores se utilizavam da surface web, ou deep web como era mais conhecida. E, 'ELES' é que eram os verdadeiros donos do iceberg como todo. E, assim, os nossos olhos e ouvidos eram, também, os olhos e ouvidos deles. Seus motores de busca construíram um banco de dados, pelos seus spiders, e através de hiperligações indexaram nossas informações aos seus servidores na deepnet. Quando descobrimos que estávamos sendo escaneados, toda nossa informação já eram deles.

Quando nossos hackers investigaram quem são 'ELES', se depararam com uma parede de proteção inacessível, em uma (darknet) parte do espaço IP alocado e roteado que não está executando nenhum serviço. Até para as inteligências dos governos mais poderosos o

acesso era fechado, pois se utilizavam da Dark Internet, a internet obscura. E de cara percebemos que ‘ELES’, os não-humanos, eram quem estavam nos vigiando.

Contudo, resolvemos abrir o jogo e mandar mensagens para ‘ELES’, em um projeto apelidado como: חנוך (Chanoch). Durante meses enviamos várias mensagens, então, de repente, nossos servidores detectaram uma mensagem oculta que dizia: “E andou Enoque com Deus, depois que gerou a Matusalém, trezentos anos, e gerou filhos e filhas. E foram todos os dias de Enoque trezentos e sessenta e cinco anos. E andou Enoque com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus para si o tomou.”.

Ao receber aquele texto, ficamos perplexos. De início, achamos ser uma brincadeira. Até recebermos outra mensagem, que dizia: “E sucedeu que, indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho”. Então, depois de longas horas de reflexão, intentamos que as mensagens vêm a nós na forma e maneira que podemos perceber. Sendo, que eles queriam escolher alguém entre nós para uma viagem. Não sabíamos como responder a tal pedido, e mandamos uma mensagem correspondente do que temos de fazer para realizar tal acontecimento. E, eles nos responderam com três sequencias binárias: 101.

No dia seguinte a essa misteriosa resposta, para o nosso espanto, fomos notificados por um de nossos agricultores que se encontrava no campo de cevada, se deparando com um símbolo gigante desenhado ‘IOI’. Então, rapidamente percebemos que aquele campo seria o local de contato. E, ‘EU’ fui escolhido para a tal viagem com ‘ELES’. Então, todas as noites acampeei no local marcado.

Suponho que propositalmente, na noite 101 em que me encontrava sozinho em minha barraca, e já desesperançado de algum contato, 'ELES' vieram! E de súbito só me lembro de ver uma forte luz branca.

Quando acordei, me deparei em uma maca feita de uma solução gelosa, de um verde fosforescente, algo como se estivesse deitado sobre água, mas, era firme, e amaciava com o peso do meu corpo. Não tinha temperatura, nem frio e nem quente, e o mais louco é que meu corpo não sentia esse material, era como se eu estivesse deitado sobre o ar. O ambiente era de uma luz violeta neon, muito calmo aos olhos, e não tinha paredes, teto ou solo. O silêncio era profundo, irritante e assustador. Para todo o lado que eu me voltava, via apenas um horizonte infinito, tanto para cima como para baixo. E tive medo de sair da maca, pensando cair nesse infinito abismo. E a sensação era por demais desconfortante, pelo que supus que estava morto.

53

Nisso, me senti sendo vigiado, algo ou alguém me observava, e vi alguma espécie de vulto transparente se locomover ao meu redor. Então, pela primeira vez senti algo que me tocou!

— Uai!

— Calma!

— Quem é você?

— Então, provou.

— Provei o quê?

— A sensação de sentir nada.

Ao ouvir isso, perplexo me calei. E pasmei! Vendo uma espécie humanoide alta e magra a minha frente. Com olhos extremamente azuis e findados como os asiáticos, cabelos brancos longos, e pele extremante branca, fria como a de um cadáver. E, diante do meu silêncio e espanto, ela continuou a dizer, falando sem

mexer a boca, que mais parecia uma fenda em seu rosto magro:

— Assim, somos ‘NÓS’. Não temos a capacidade de sentir como vocês, e os invejamos por isso. Essa forma que você vê a sua frente, não é nosso corpo. É apenas um traje, pois vocês não têm a capacidade de nos ver sem ele. Somos seres pertencentes a outra dimensão, que vai muito mais além de sua física e compreensão.

— De onde são vocês?

— Somos seres da Quarta-Vertical, um mundo mais além do que a matéria física. E, nesse momento você está diante de uma plateia de nós. Não pode vê-los, pois, estão sem seus trajes físicos. Porém, saiba que também você usa um traje, e ele que te faz sentir. Mas, nós, mesmo com nossos trajes, não podemos sentir como você sente, e perceber como você percebe. Apenas percebemos as coisas físicas, através de alguns impulsos elétricos de contato nos transmitidos por nossos trajes, que são mínimos, sem sentimentos e emoções.

— Onde fica fisicamente a Quarta-Vertical?

— No plano físico, conhecido por vocês como seu sistema solar. Em que nossa Morada é o Sol.

— Então, estou no Sol?

— Claro que não! Seu corpo físico não aguentaria.

— Onde estou?

— Em nosso ponto de contato. Na parte oculta da Lua. É daqui que o observamos, desde sua criação como seres existenciais. E, temos alguns de vocês aqui conosco. Na verdade, somos seus guardiões, mensageiros e protetores.

— Protetores! Contra quem nos protegem?

— ‘DELES’ e de vocês mesmos. Pois, se assim não fosse, vocês não mais existiriam como espécie.

— ‘DELES’ quem?

— Aqueles a quem vocês chamam de seres infernais. No início, ‘ELES’ eram como ‘NÓS’, e vieram de ‘NÓS’. Mas, se corromperam. Pois, desejaram sentir a emoção que vocês sentem. Por isso, eles lhes causam dores e prazeres, para sugar as energias de seus sentimentos. E, fazem isso agora, através da internet. Por isso, lhes deram esses pequenos dispositivos que vocês carregam em suas mãos. O próximo passo deles, é implementar esses dispositivos aos seus corpos físicos. Aí, então, drenarão suas energias vitais, como um canudo drena o líquido numa garrafa de refrigerante.

— Onde eles vivem?

— Antes viviam aqui na Lua, depois os expulsamos para Saturno e Plutão. Mas, quando fizeram o pacto com os muitos chefes e governantes de sua sociedade, precipitaram-se na terra. Quando teve uma grande chuva de meteoros. Então, agora vivem entre vocês.

— E, como podemos reconhecê-los, se vivem entre nós?

— São os seres lagartos, mas se disfarçam com trajes humanos. Por tanto, seus trajes se alimentam de sangue, e são sensíveis a luz do sol. Por isso, procuram andar mais a noite, e poucas vezes a luz do dia. E, para resistir a luz diurna, precisam beber inúmeros litros de sangue humano fresco e vital. Só assim, os trajes resistem por mais tempo. Porém, alguns deles se tornaram híbridos, cruzando com a sua espécie. E são metades humanos e ‘reptilianos’ como alguns de vocês qualificam. Mas, mesmo assim, precisam de sangue humano para viver. E, como vampiros modernos, eles criaram os bancos de sangue, espalhados por todo mundo. Onde vocês creem estar doando sangue para pacientes hospitalizados, mas apenas 2% desse sangue vai para esses pacientes que

necessitam, o resto é comercializado entre eles.

— E por que vocês não nos alertam sobre isso?

— Não podemos interferir. Foram vocês que atraíram eles. Suas escolhas. Seus livres-arbítrios.

— Como assim, nossas escolhas?

— Por acaso, você não leu a parábola de Adão e

Eva?

— Mas, isso é apenas um mito!

— Não é apenas um mito. É uma metáfora da realidade, representado em sua espécie dividida entre macho e fêmea. Um código, para os sábios decifrarem.

— E, por que não nos contam a verdade diretamente, e só nos dão metáforas?

— Veja o que vocês fizeram com a verdade... ridicularizaram. Enviamos muitos para lhes dizer a verdade. Muitos de nós nascemos como avatares para lhes falarem, e veja o que nos fizeram? Nos mataram, assassinaram, minimizaram. E, mesmo nascendo entre vocês como humanos, ao longo do tempo nos transformaram em engodo e mito.

— Mas, isso foi em tempos de muita ignorância. Hoje temos tecnologias para registrar e comprovar.

— Tempos de muita ignorância... saiba que não existe tempo onde a ignorância é mais forte e abrangente do que esse em que vocês vivem. Suas redes de informação, academias e filosofias são lotadas de teorias e não de práticas. Vocês não experimentam mais. Não observam mais... só emulam. E agora que mesclaram a realidade e a fantasia, você acha que nos ouviram? Seremos ridicularizados e banalizados mais uma vez... por isso, agora agimos em oculto sigilo. E falamos na linguagem que vocês não podem deturpar, que são as parábolas e metáforas. Poesias de mistérios místicos e ocultos, que lhes encantam, e fazem pensar. Até serem

assimiladas por corações puros, lapidados e lavados que nascem entre vocês.

Ao ouvir aquelas palavras, o mundo parou em mim. E, lágrimas rolaram do meu rosto.

— Ernesto! Ernesto! ¡Despierta hombre!

— Ahh! ¿Qué?

— ¿Qué haces aquí acampado en el campo de cebada güevón?

— No lo sé ... De repente tuve un sueño confuso. No me acuerdo.

— ¡Vamos! Es tiempo de cosecha. Creo que perdimos una buena cantidad de grano. Bueno, creo que hubo un torbellino esa noche que aplastó los tallos fértiles.

CORAL VIVO

Vitor Takayanagi

- Humano!

- Aaaaaah! – Berrou Henrique, acordando num susto e batendo a cabeça no vidro da cápsula médica. Um bipe ligado, ecoando nos seus ouvidos. Sentia duas dores, uma na testa e outra pulsando no crânio. Após longos sete segundos, a doutora Joana apareceu e silenciou o alarme, para o alívio do paciente.

- Henry! Você está bem? Finalmente você acordou! Estávamos preocupados! Ai, bateu a cabeça? – Disparou a doutora, como falava quando estava excitada, ou seja, a maior parte do tempo.

- Não, não tô bem não. – Respondeu Henrique.

Levou a mão à testa e puxou os cabelos negros para trás, tirando-os dos olhos, e encontrou dois sensores, um em cada têmpora. Ergueu o tronco o máximo que conseguia na cápsula apertada e se apoiou nos cotovelos. Vestia apenas uma camisola hospitalar e um tipo de fralda, olhou dentro da roupa e encontrou outros sensores. Mas o que mais chamou atenção foram as bandagens na panturrilha esquerda, e logo as memórias do último mergulho voltaram, a correnteza repentina, o impacto na rocha, a dor na perna.

- Puta merda, o que caralho aconteceu?

- Você e sua boca, viu! – Disse Joana, levando as mãos à cintura e fingindo estar brava, o que somado à sua baixa estatura e ar jovial criavam uma impressão cômica, que ela cultivava de propósito. – Na sua perna, nada grave, só um corte, o que mais me preocupou foi a crise epiléptica multifocal desperceptiva que você teve e...

- O quê?

- É, ficamos assustadíssimos! – Joana levantou sua tablet com o laudo do eletroencefalograma. – Suas ondas estavam bizarríssimas! Daí achamos que podia ser uma infecção e te colocamos em quarentena e... É mesmo! Você está de quarentena!

- Merda.

– Desculpa! Esqueci de avisar!

– Faz quanto tempo?

– Ah, uns... dois dias?

– Que porra.

– Ele acordou? – Perguntou um homem mais velho que apareceu no campo de visão de Henrique.

– Ah, bom dia, capitão Alexander. – Cumprimentou Henrique.

– É bom tê-lo de volta, doutor. – Respondeu o capitão, sem expressar a menor alegria, seu rosto era tão flexível quanto uma rocha.

– Nem tanto, né? Contaminei alguém?

– Não, checamos todos e nenhum sinal de infecção. Aliás, também não achamos nada em você, doutor.

– Como assim?

– É, nada no sangue, nada no líquido cefalorraquidiano, até fizemos a biópsia do seu nervo su... – Começou a explicar a médica.

60 – Então por que eu tenho que ficar nesta latinha? Não dava pra me deixar, sei lá, no meu quarto?

– Não vou arriscar a saúde da tripulação, doutor. – Afirmou Alexander, autoritário. – Melhor prevenir, mesmo que não haja indícios concretos de uma infecção.

– Merda. – Disse Henrique, deixando a cabeça cair de volta no travesseiro, e soltando uma exclamação de dor.

– Você sofreu algumas concussões, Henry, melhor manear no headbanging! Você não está num show de heavy metal! – Disse a médica, rindo sozinha da própria piada. – Ah, vai! Foi engraçada!

– Doutor Henrique, descanse. – Ordenou Alexander. – Vamos repetir os testes mais tarde.

– É, qualquer coisa que precisar, tem o botão da campainha aí do lado, só apertar que eu venho! – Disse Joana.

– Tá, acho que vou descansar um pouco mesmo.

– Soltou um suspiro, olhando para o nada. Se virou para eles e disse: – Obrigado por... salvarem a minha vida.

A espontaneidade do agradecimento fez Joana abrir um enorme sorriso, e mesmo os impassíveis lábios de Alexander expressaram um pouco de alegria. Se despediram e saíram da enfermaria.

Henrique suspirou novamente. Queria dormir para aliviar a dor de cabeça mas, ao mesmo tempo, queria sair dali e dar uma alongada, a cápsula claramente foi planejada para uma estatura média que não correspondia a dele, e se sentia comprimido. Virou de lado, tentou mover as pernas, deitou de barriga pra cima, torceu o tronco, esticou as costas, e finalmente começou a se sentir melhor, mais até do que esperava.

– **Humano, melhor?** – Perguntou uma voz, assustando Henrique, mas ele conseguiu conter a cabeça. Olhou em volta, mas seu campo de visão era limitado.

– Cadê você? – Perguntou em voz baixa.

– **Humano, dentro.**

– Dentro do quê?

– **Dentro humano.**

Henrique levou alguns segundos para entender.

– Dentro de mim?

– **Sim.**

“Bosta.” Pensou, jogando a cabeça pra trás e sentindo dor de novo. “Mas ainda bem que me colocaram em quarentena.”

– **Quarentena?**

– ...Vocês me ouviram? – Perguntou, mas em seguida pensou, “Ouviram meus pensamentos?”

– **Sim, comunicar.**

– Merda.

Levou a mão até o rosto, e massageou os olhos enquanto pensava. Ou ele estava delirando, ou ele foi infectado por um extraterrestre telepata. A lâmina de Occam ditava que a primeira opção era a mais provável,

mas não queria chamar a médica para confirmar a própria insanidade. Resolveu conversar com o delírio.

“Tá, o que você quer? Me devorar? Eu tenho um gosto horrível, você vai cagar até morrer.”

– **Alimento, não. Comunicar.**

“Quer conversar? Fala, então.”

– **Nós, viver água. Coral.**

“Vocês vivem no coral? Onde exatamente?”

– **Todo lugar, coral.**

O cientista não acreditava no que estava ouvindo, mas se o seu delírio não fosse um delírio, a missão teria sido um sucesso maior que o esperado.

Deu uma risadinha ao pensar na missão. Estavam a mais de seiscentos milhões de quilômetros de casa, naquela que ficou conhecida como “a terceira maior missão espacial tripulada da história”, perdendo apenas para o pouso na lua e em Marte. A missão para estudar o primeiro sinal de vida complexa multicelular fora da Terra, o coral detectado em 2361 pela sonda Nemo no oceano que ficava abaixo da superfície congelada da lua jupiteriana Europa.

Infelizmente, até aquele momento, estava sendo um fracasso. O propósito da tripulação era fazer o que os robôs não conseguiam, ou seja, coletar amostras e analisá-las ao vivo, mas o coral era ainda mais rígido que o rosto do capitão, não conseguiram recolher nem um pedacinho. Após um mês sem resultados, a frustração tomava conta de todos, menos um.

Para Henrique, a missão era um sucesso. Apaixonado pelo mar e seus habitantes, sempre se sentiu mais confortável nas profundezas. Especialista em nichos ecológicos de recifes de corais, batalhou para ganhar um lugar na missão, e agora ali estava, aprendendo sobre a mais extraordinária e vasta estrutura de coral que já existiu, diferente de tudo que havia na Terra.

– **Sim, coral bonito.**

– Cacete, parem de ouvir meus pensamentos! –

Se irritou.

– **Não querer comunicar?**

– Não é isso! Só quero um pouco de privaci...
– Respirou fundo para se acalmar. Não acreditava que estava discutindo com amebas imaginárias. “Ok, vou assumir que vocês são reais e não estou doido. Vamos conversar.”

– **Sim, comunicar.**

“Como não detectamos vocês? Analisar a água foi a primeira coisa que fizemos.”

– **Nós fugir.**

“Por isso que não acharam vocês no meu sangue também?”

– **Sim.**

Seu lado cientista ficou curioso.

“Como vocês conseguem pensar? Tamanho é crucial para o desenvolvimento de um sistema nervoso, quanto mais consciência, seres microscópicos não deveriam possuir este nível de inteligência.”

– **Nós muitos, pensar junto.**

“Ou seja, vocês funcionam como um enxame? Um cardume?”

– **Não entender?**

“Muitas espécies de peixe se movem em conjunto de maneira coordenada, como se fossem um único indivíduo, é o que chamamos de inteligência de enxame, ou mentalidade de colmeia.” Começou a explicar Henrique, PhD. “Cardumes se formam por questões de sobrevivência, como evitar predadores, ou até mesmo para aumentar a hidrodinâ...”

– **Oh! Água! Seres, nadar!** – Interrompeu a voz, animada.

Confuso, Henrique perguntou:

– Vocês conseguem ver as imagens que penso? Vocês vêem isto? – Perguntou, pensando num cardume de atuns.

– **Sim!** – Respondeu a voz, ainda mais excitada.

– **Bonito!**

– Como assim, bonito? O cardume?

– **Sim! Cardume bonito!** – Exclamou a voz, genuinamente feliz, e isso contaminou o oceanólogo.

– Que tal este, então? – Pensou num tornado de barracudas.

– **Bonito!**

– E estas são marimbas!

– **Oh!**

Continuaram assim por mais alguns minutos, e Henrique ria com a excitação dos alienígenas, fazia tempo não se divertia tanto falando sobre os oceanos, a última vez provavelmente foi...

– Conversando comigo mesmo. – Concluiu, frustrado. É claro que era um delírio.

Após um breve silêncio, Henrique sentiu uma coceira na orelha e a voz disse:

– **Nós existir. Provar.**

64

/////

– Henry, terminei a nova análise do seu sangue e... – Disse Joana, preocupada, olhando para sua tablet.

– Você encontrou seres unicelulares multiflagelados, cerca de uma centena. – Interrompeu Henrique, sério.

A médica arregalou os olhos.

– Eles estavam organizados em três grupos, desenhando duas linhas verticais e uma horizontal, formando a letra “H”.

– Mas! O quê?! Como...

– Posso ver?

Joana mostrou a foto na tablet, e Henrique viu a primeira letra do seu nome, como tinha combinado com os alienígenas. Sentindo um misto de alívio por não estar louco com a aflição de estar contaminado, disse:

– Caralho, é verdade.

– **Nós provar!** – Disse a voz, orgulhosa.

“Calem a boca”, pensou Henrique. Foi quando percebeu Joana encarando-o.

– Que foi?

– Henry! Como assim, que foi? – Explodiu a médica, exasperada. – Você foi infectado por um parasita desconhecido! De outro planeta! Sabe o que eu pensei quando eu vi isso? Que você ia morrer!

– Calma, Joana...

– “Calma”, o caralho! Que porra é essa?! Como você sabia o que eu ia achar?!

Henrique nunca tinha visto a colega assim e, cautelosamente, respondeu:

– Joana, eu não tinha certeza da minha infecção até você me mostrar essa foto.

– Mas como você... – Começou Joana, brava, mas parou quando Henrique gesticulou para ela esperar.

– Deixa eu terminar. Por favor. – Ela cruzou os braços e soltou uma bufada.

Henrique explicou a voz na sua cabeça, os micróbios alienígenas e o plano para provar sua existência.

– Tá. – Disse Joana, um pouco menos irritada.

– Você... acredita em mim?

– Você acredita em você mesmo?

A pergunta surpreendeu Henrique. Olhou para as próprias mãos, imaginando os alienígenas passeando pelo seu corpo, e sentiu um calafrio. Respirou fundo e disse:

– Sinceramente, não muito. Passei estas últimas horas conversando com a voz, mas sempre com a impressão que estava doido. Que meu cérebro estava me enganando por causa da solidão, ou da saudade de casa, ou de uma concussão, ou só porque ele é uma máquina burra que acredita em qualquer bobagem. Nunca me questionei assim, senti que ia enlouquecer com essa dúvida. Falando nisso...

– Seu eletroencefalograma? Normal, nenhum sinal de delírio. – Se adiantou Joana, mostrando as ondas na tablet. – Nele que eu estava pensando agora. E no “H”.

Henrique soltou um suspiro de alívio, tremendo um pouco.

– Acho que acredito um pouco mais agora.

Joana massageou a glabella, pensou um pouco e disse:

– Tá. Acho que acredito em você. O “H” e as ondas... sei lá. Faz sentido. – Cruzou os braços. – Mas ainda estou brava! Por que você não falou nada antes! Seu, seu... bobo!

– Pode falar “cuzão”, eu sou um mesmo. – Disse Henrique, sorrindo.

– Ei! Cuzão é muito! – Disse Joana, e os dois riram. – Mas e agora? O que você quer fazer?

– De verdade? Sair desta latinha.

– Isto não vai acontecer. – Disse Alexander, surgindo repentinamente.

– Ai, merda. – Disse Henrique.

– Capitão! Quando...

– Desde o “calma, o caralho.” – Respondeu, ríspido. – Doutor, um parasita alienígena te infectou, em hipótese alguma você sairá daí.

– Bosta.

– Como foi que...

– Você esqueceu a lâmina no microscópio. – Joana, chocada, levou as mãos à boca. Alexander continuou: – O doutor Christopher viu você sair agitada do laboratório e foi conferir a amostra e, em seguida, fez o correto, me informar. Já estamos analisando, e pretendemos...

– Colher mais sangue meu. – Completou Henrique, num tom derrotado.

– Sim.

– **Nós fugir!** – Exclamou a voz. Percebeu pelos arrepios nas costas que os alienígenas estavam assustados.

“Calma, porrinhas!”, pensou. “Vou dar um jeito

nessa merda!”

– Não se preocupe, doutor. Você também é parte da tripulação, não irei prejudicar sua integridade física. – Disse Alexander, no tom mais conciliador que conseguiu. – Mas este foi o primeiro resultado significativo da missão.

– É, eu sei. – Concordou Henrique. – E que resultado, não? Vida unicelular inteligente.

O capitão lançou um olhar de piedade.

– Doutor Henrique, você está delirando.

– O quê?

– A voz que você afirma escutar não existe.

– Como assim, acabei de ver a prova! – Exclamou Henrique, apontando para Joana, que prontamente mostrou a tablet.

– Um “H”. – Disse Alexander, indiferente. – Uma coincidência.

– O quê? O caralho que é uma coincidência, é uma letra do alfabeto, algo que só uma vida inteligente...

– Uma forma aleatória, que acontece na natureza.

– Tentou interromper Alexander.

– ...conseguiria fazer de maneira tão precisa! E exatamente do jeito que eu falei! Não é, Joana? – Perguntou, irritado, para a médica.

– Sim! Ele adivinhou direitinho, antes de eu falar, e olha o eletroencefalograma dele, não há sinais de...

– Doutora Joana, agora não é hora de histeria. Ainda não esqueci que você escondeu de mim a primeira amostra.

– Ei! Não fala assim com ela! Isso é sacanagem! – Explodiu Henrique, socando o vidro da cápsula.

– Doutor Henrique! – Berrou o capitão, e pela primeira vez seu rosto mostrou plenamente o que sentia, raiva. – Você continuará em quarentena até garantirmos a segurança da tripulação. Iremos colher mais sangue para estudarmos o parasita que o infectou. Fim da discussão. – Virou-se para a médica. – Doutora Joana, quero mais

amostras ainda hoje. Entendido?

– Sim, capitão. – Obedeceu a médica, olhando para baixo.

Alexander encarou Henrique, que desviou o olhar, frustrado. Em seguida, saiu da enfermaria.

– Henry... Desculpa, eu... – Disse Joana, com a voz triste.

– Tá tudo bem. Quero dizer, não tá, tá tudo uma merda, mas eu não culpo você. – Fechou os olhos e levou as mãos ao rosto, infeliz.

– **Humano, e agora?**

– Não sei. – Respondeu em voz alta.

– Não sabe o quê? – Perguntou Joana.

– Ah, não é com você, estava falando com os porrinhas... – A médica fez uma expressão confusa. – Os aliens. Falaram comigo. Estão preocupados.

Joana parou pra refletir, olhando para o “H”.

– Eu preciso recolher mais sangue seu, mas se os aliens...

– Os porrinhas. – Corrigiu Henrique, e Joana riu.

– Se os porrinhas não quiserem...

– É, eles não saem. Por isso que não apareceu nada antes.

– Desse jeito, o capitão vai tirar mais e mais sangue seu, até aparecer... porrinhas.

– Eu sei. Se for pra mostrar resultado, ele vai ignorar a minha “integridade física”.

– E se encontrarmos porrinhas na água do oceano? Daí ele não vai ficar tão obcecado com seu sangue. Não dá pros porrinhas aí dentro ajudar? Tipo, falar pros amigos deles aparecerem?

– **Nós dentro humano. Outros água, não comunicar. Precisa nadar água junto.**

– Pensei que vocês fossem telepatas? – Perguntou Henrique, frustrado, e em seguida explicou a resposta deles.

– Ah, mas então eu sei como resolver isso! –

Exclamou a médica, contente.

////

– **Humano? Dor?**

“Só tô ansioso.” Respondeu Henrique. Fazia mais de hora que Joana tinha saído, não era pra demorar tanto. O plano era bom, jogar um pouco do sangue dele no oceano pros porrinhas avisarem os outros e assim aparecerem em algum detector, de preferência com a frase “Tomou no cu, Alexander”.

Mas ela demorava.

E ele estava lá, enclausurado numa latinha.

– **Medo?**

“É, parecido.” Soltou um longo suspiro. “Vamos conversar para eu me distrair.”

– **Sim, comunicar bom.**

Henrique lembrou dos seus mergulhos e as análises que fez do coral.

“Vocês vivem no coral, certo?”

– **Sim.**

“Mas ele é diferente dos da Terra, o metabolismo é mais lento e...”

Sentiu cócegas.

– **Coral? Terra?** – Perguntaram os alienígenas, excitados.

“É verdade, só mostrei peixe pra vocês...” Soltou um suspiro triste. “Tá, eu mostro o coral terrestre.”

Lembrou-se do principal foco dos seus estudos, o extinto grande recife do Pacífico.

– **Coral, desligado.**

“Vocês querem dizer “morto”. Destruído. Completamente fodido.”

– **Morto, não. Desligado. Alimento, liga.**

Henrique se incomodou.

“Olha, sem querer desmerecer seu conhecimento “coralístico”, esses já viraram fósseis.”

– **Coral aqui, parecido. Desligado.**

“Isso, o coral daqui possui um metabolismo mais lento, o da Terra se foi!”

– **Não, humano. Coral aqui desligado. Coral Terra desligado.**

“Parem de falar merda, já disse que...”

– **Humano não entender, nós ligar coral...**

– Eu tô falando que não dá, caralho! – Explodiu o oceanólogo, nada o irritava tanto quanto questionarem a destruição dos oceanos.

– Pois não, doutor? O que caralho não dá? – Perguntou Alexander, ao lado da sua cápsula.

– Capitão!

– Muito interessante, o que encontramos no seu sangue. – Alexander disse, ignorando-o. – A doutora Joana apresentou três amostras, e nenhuma revelou a presença dos parasitas. Mas a quarta, – Ergueu um tubo de ensaio vazio, e sua expressão pétrea esboçou um leve triunfo. – que ela escondia, ah, essa estava repleta de alienígenas.

– ...Merda.

– Ela não confessou como as manipulou, mas não importa. Onde já se viu, esconder a descoberta? Imagino que ela pretendia ficar com todo o mérito. – Pelo tom da voz, Henrique entendeu que era exatamente o que o capitão faria, se pudesse. – Felizmente, sem a interferência dela, poderemos continuar nossas análises.

– Onde a Joana está?

– Confinada aos aposentos dela. – Respondeu Alexander, indiferente. – Conto com sua cooperação, doutor Henrique. Recolheremos amostras de acordo com a recuperação do seu sangue, e você continuará em quarentena até o fim da missão.

– Capitão? Vá comer merda. – Foi a única resposta que Henrique conseguiu falar, furioso como estava.

Alexander balançou a cabeça, sutilmente triste.

– Doutor Henrique, em seu corpo habita a maior

descoberta deste século. Orgulhe-se do que sua infecção representa para nossa missão, para o futuro da exploração do sistema solar, para o que vamos aprender sobre vida ex...

– Eu falei pra você ir comer merda. Capitão.

Alexander suspirou e saiu. Quando se certificou que estava só, Henrique começou a socar o vidro da cápsula, frustrado.

– Filho! Duma! Égua! Tomar! No! Cu! – Berrava a cada soco, até errar um e torcer o punho. – Ai, caralho! Olhou para a mão, ainda mais irritado.

– **Humano, dor? Quer ajuda?**

“Como assim?” Antes que respondessem, a dor diminuiu. “Como vocês fizeram isto?”

– **Sensor de dor, nós comunicar. Acalmar.**

Henrique demorou pra entender.

“Vocês falaram com meus nervos? Como?”

– **Sensores produzir químico, conduzir eletricidade. Nós parecido, produzir químico, comunicar.**

“É assim que vocês falam comigo?”

– **Sim.**

Henrique conhecia mais sobre o sistema nervoso de peixes que o humano, mas o que eles falaram fazia sentido, e talvez desse para...

– Porrinhas, eu sei como escapar daqui.

/////

– Henrique, você vai dormir um pouco. – Disse Christopher. Vestia um uniforme de proteção e uma máscara de gás com visor transparente, que permitia ver todo o seu rosto.

– Mas eu acabei de acordar. – Respondeu Henrique, brincalhão.

Christopher olhou de volta, irritado.

– Ha, ha, que engraçado. Como não achamos mais

etês no seu sangue ontem, vamos fazer uma biopsiazinha hoje. – Mostrou o bisturi de maneira ameaçadora.

– Nossa, como o Alexander é compreensivo e paciente.

– Cala a boca. – Disse o médico, ligando o gás anestésico na cápsula. Henrique sentiu um cheiro doce e, após alguns segundos, dormiu.

Christopher desacoplou a cápsula da parede e baixou as rodas, empurrando-a até a sala de operações. Isolou o compartimento do resto da base e abriu a cápsula.

Com um movimento brusco, Henrique arrancou a máscara de Christopher, que caiu pra trás com o susto. Tentou desesperadamente prender a respiração e correr até a máscara, mas Henrique se adiantou e pulou em cima dele, imobilizando-o.

– Bom dia, Christopher. – Disse Henrique. – Coopera comigo que deixo você respirar de novo. Mas, se você tentar alguma coisa... – Puxou o catarro da garganta e cuspiu do lado do médico.

Christopher assentiu com a cabeça, desesperado. Levantaram e Henrique fechou o médico na cápsula.

– Como você...? – Perguntou Christopher, depois que o ar dentro dela foi reciclado.

– Tenho ajudantes especiais aqui. – Respondeu Henrique, apontando pra própria cabeça.

– E o que você vai fazer agora?

– Vou provar uma coisa praquele imbecil do Alexander.

Pegou o bisturi para servir de arma, mesmo sem ter a menor experiência em combate, e descomprimiu a sala. Saiu sorrateiramente da ala médica e estava chegando ao final do corredor quando ouviu a campainha da cápsula.

Henrique esqueceu que ela existia, mas Christopher não.

– Foda-se, então. – E saiu correndo.

Se preparou para sentir câibras terríveis, mas

seus músculos respondiam bem, era como se não tivesse passado os últimos dias trancafiado.

– **Nós ajudar! Força!** – Exclamaram os alienígenas, e Henrique deduziu que estavam trabalhando os impulsos elétricos dos músculos.

– Obrigado, ajudantes especiais!

Como era bom mover o corpo livremente! Sempre foi muito ativo, e sentiu falta de se exercitar daquele jeito, mesmo sendo uma situação de emergência, com a sirene da base ecoando pelos corredores, as luzes vermelhas piscando, e as pessoas fugindo desesperadas dele enquanto cuspiam na direção delas.

Chegou à ala dos dormitórios e rapidamente encontrou o quarto de Joana, era o único com um guarda na porta. Uma poderosa escarrada foi tudo que precisou para espantá-lo. Entrou e encontrou Joana sentada na cama, assustada, com o rosto vermelho e inchado.

– Henry! – Exclamou, se levantando. – Desculpa! O Alexander percebeu, e me revistou, e achou a amostra, e...

– Tá tudo bem! Não temos tempo! A porra da base inteira está atrás de mim! Me ajuda!

A médica olhou pra ele, parecendo que ia chorar mais.

– Joana! Sério! Tá perdoada! De verdade! O problema não é você, é aquele escroto do Alexander! – Exclamou Henrique, desesperado. – Eu tenho que... sei lá, fazer alguma coisa! Não sei o quê!

Joana deu uma longa fungada, limpou as lágrimas e perguntou:

– Por que você veio aqui?

A pergunta o surpreendeu, e após algumas piscadas e uma desviada do olhar dela, respondeu:

– Porque você acredita em mim? Na existência dos porrinhas? E você é inteligente, e... – Soltou um suspiro. – ...e eu realmente não tinha planejado muito além de “fugir da enfermaria”.

Joana sorriu e respondeu:

– Tá, eu ajudo.

– Obrigado!

O sorriso dela aumentou.

– O problema é o babaca, ele não quer admitir que os porrinhas pensam. – Começou Henrique. – Pra piorar, ele criou essa fantasia que você quer ferrar com ele e ficar com a glória da descoberta.

– Como que eu...? Sou só uma médica, nem faço parte da equipe científica.

– E ele é um militar imbecil, sei lá, só pensa em receber uma medalhinha.

Uma luz ocorreu em Joana.

– Não! Ele não é só um militar imbecil! Ele foi astrofísico, trabalhou no programa espacial, ele é um cientista também!

– E...? – Perguntou Henrique, sem entender.

– E aí que precisamos de evidências empíricas mais fortes! Se provarmos que os porrinhas são inteligentes, que podem nos ajudar nos estudos do coral, ele vai ceder! Vai até ser o melhor pra missão!

– Acho que você está superestimando ele, mas tudo bem, vamos acreditar no pensamento científico, qual é o plano?

– O mesmo de antes, acho, jogar os porrinhas de volta pro oceano para eles fazerem... alguma coisa que comprove a inteligência deles.

– **Nós ligar coral.** – Interviram os alienígenas.

– Pode ser! – Respondeu Henrique, e explicou a idéia pra Joana.

– Agora só precisamos... chegar no oceano.

//////

– Henrique! Joana! Saiam daí com as mãos para cima! – Exclamou Alexander, na frente do quarto dela, vestindo um traje contra contaminações, assim

como o soldado que o acompanhava. Ambos portavam pistolas de eletrochoque. A base estava em estado de emergência, e todos que tiveram contato com Henrique foram confinados em quarentena. O resto foi isolado, por segurança, no refeitório, menos alguns soldados que ficaram de guarda em locais-chave.

A porta abriu e Joana apareceu aplicando uma gravata em Henrique, usando-o como escudo, e segurando o bisturi no pescoço dele. A diferença de altura dos dois fazia ele andar caído pra trás de maneira estranha, quase cômica.

– Ninguém faz nada! Ou eu mato a cobaia! – Berrou Joana, tentando parecer ameaçadora. – Se ele morrer, os exemplares vão junto!

Alexander fez um sinal para o soldado, e abaixaram as armas.

– O que você quer, doutora?

– Ser integrada à equipe de pesquisas! Eu que descobri os alienígenas primeiro!

Um leve descontentamento surgiu no rosto do capitão.

– Você escondeu a descoberta da tripulação. Por que deverí...

– E mais! – Interrompeu ela. – Quero reunir a equipe científica agora na plataforma de mergulho! Para demonstrar minha outra descoberta!

A tênue raiva deu lugar a um quase imperceptível sorriso, mas Alexander logo se recompôs.

– Isso é tudo, doutora?

– S-sim! – Exclamou Joana, surpresa com a cooperação dele.

– Muito bem, que seja. – Alexander pegou seu comunicador e ordenou que fizessem como ela pediu. Após receberem a confirmação, foram para lá, Joana sempre com o bisturi no pescoço de Henrique.

Chegaram na plataforma, o maior ambiente da base, onde o gelo foi escavado e os mergulhadores

pulavam diretamente no oceano de um píer. Viram os cientistas agrupados na parede oposta à entrada, à beira da água. Entraram, e assim que Joana passou pela porta, algo a atingiu nas costas e o choque elétrico a fez gritar de dor e largar o bisturi, mas Henrique conseguiu segurá-la antes que caísse no chão. O capitão, com o maior sorriso sutil que já apareceu em seu rosto, acenou para o soldado que estava junto à porta e que disparou em Joana e disse:

– Pronto, doutor Henrique. Como eu imaginava, essa traidora planejava destruir nossa missão.

O oceanólogo conferia os sinais vitais da médica, e garantiu que ela só estava desacordada. Lentamente, deitou-a no chão.

– Mas não se preocupe, doutor. – Continuou o capitão. – Nós receberemos, juntos, o mérito da nossa descoberta.

Henrique se levantou, de costas para Alexander. Seus punhos cerrados tremiam. Respirou fundo. Virou-se lentamente, e apontou o dedo para os cientistas.

– Ei, seus bostinhas! Prestem atenção na verdadeira descoberta desta merda de missão!

Correu e mergulhou no oceano gélido.

– **Humano!**

Com toda a força que conseguia, nadou ferozmente.

– **Humano, parar!**

Ignorou a voz, e se concentrou apenas em nadar.

– **Humano, frio! Perigo!**

Sim, o frio era insuportável, nunca tinha sentido nada igual, os trajes de mergulho possuíam controle de temperatura por um motivo, e agora lá estava ele, praticamente nu, congelando, sentindo os membros dormentes.

– **Humano, voltar! Perigo!**

Quando sentiu que não ia mais conseguir se mover, parou e pensou, “Agora é com vocês, porrinhas!”, e com o bisturi, que pegou antes de mergulhar, que

segurou no punho enquanto nadava, cortou o braço, sangrando profusamente.

Estranhamente, não sentiu a dor do corte. Provavelmente por causa do frio, mas mesmo o frio parecia sumir. A dormência diminuiu. Começou a afundar, aos poucos. Surgiu uma luz. Sorriu, acreditando que estava vendo a “luz no fim do túnel”, que se espalhou aos poucos, não como o sol nascendo, mas como se fosse reverberações na superfície da água...

Foi quando percebeu os detalhes, os contornos dentro da luz.

Era o coral.

Que se iluminou, aos poucos, e cores iam aparecendo, ganhando e perdendo intensidade, de maneira rítmica, variando de tons quentes para tons frios e de volta para tons quentes, brilhando cada vez mais, e mais, até todo o oceano se iluminar, e a superfície do coral parecia diferente, algo parecia crescer e cobri-la, como uma grama que se movia junto com as luzes e a correnteza, num espetáculo de brilhos, de cores, de vida.

Foi uma experiência intensa, e mesmo sem sentir mais nada, nem frio, nem dor, Henrique sentiu a maior felicidade da vida.

/////

– **Henrique!**

– Aaaaah! – Berrou Henrique, num susto.

– Henry! – Exclamou Joana, e o abraçou, emocionada.

– Quê? Onde? Que caralho? – Perguntou o mergulhador, confuso, olhando para os lados. Estava na enfermaria, mas numa cama normal, para o seu alívio.

– **Henrique vivo! Nós salvar!** – Comemoraram os alienígenas, causando cócegas nele.

– Ei! Ok! Entendi! Pára com isso! – Joana o soltou, meio magoada. – Não você! Os porrinhas! Ai!

– Doutor Henrique. – Disse Alexander, se aproximando e estendendo a mão.

– Ah... capitão?

– Por favor, aceite minhas desculpas. Devia ter... lhe dado o benefício da dúvida. Ter feito mais testes, ao invés de ignorar completamente a possibilidade dos alienígenas...

– Os porrinhas. – Corrigiu Joana.

– ...Dos porrinhas se comunicarem com você.

Um pouco contrariado, mas muito satisfeito de ouvir o capitão se desculpar, Henrique devolveu o cumprimento. Não valia a pena guardar ressentimento.

– Obrigado, capitão.

Joana e outros cientistas explicaram o que aconteceu depois do seu mergulho. Através das câmeras submersas, acompanharam seu nado e, quando cortou o braço, acharam que estava se suicidando duplamente. Daí aconteceu, aos poucos, do coral reagir e sua bioluminescência clarear o oceano, deixando todos embasbacados e sem reação.

Foi quando, repentinamente, uma forte correnteza empurrou Henrique de volta para a plataforma. Inacreditavelmente, a água que o salvou estava morna, o que ajudou a conter a hipotermia.

– E com a ajuda de todo mundo e dos porrinhas, conseguimos te salvar! Daí você acordou! E todo mundo tá feliz! – Finalizou Joana.

– Nossa, que... caralhada mais louca.

– Ai, você realmente devia maneirar um pouco a boca, sabia? – Disse Joana, dando um tapa no braço dele, e ambos riram.

– **Henrique vivo! Feliz!**

“Sim, sim, obrigado.”

– **Coral vivo! Ligado! Nós provar!**

“Tá, eu estava errado, vocês estavam certos, não precisam ficar esfregando...” Foi quando teve uma idéia. “Porrinhas, vocês estariam dispostos a fazer mais um

favor? Eu sei que vocês acabaram de salvar minha vida e...”

– **Nós ajudar!**

//////

– Henrique?

– Ah, bom dia, Joana.

Ela se aproximou e o beijou. Estavam na entrada da casa deles, e o sol nascia no horizonte. Henrique preparava seu tanque de oxigênio.

– Já vai mergulhar? Cedo assim? No domingo?

– É, ontem não deu, né? Quer vir junto?

– Hum... não. Vou descansar mais um pouco. E eu também sei que você prefere mergulhar a sós com os porrinhas.

– É verdade.

Joana soltou uma exclamação revoltada.

– Olha, que cuzão! Nem pra disfarçar, falar que gosta mais de mergulhar comigo e...

– Ei! Cuzão é muito! – Respondeu Henrique numa pose brava, e os dois riram.

Se despediram e Henrique subiu no seu barco, indo até o ponto de mergulho. Ancorou, terminou de vestir seu equipamento e pulou na água.

Quinze anos se passaram desde seu retorno à Terra. Estudando o coral em Europa, a humanidade aprendeu muito com o sistema de fluxo do calor das fendas vulcânicas que alimentava todo o ecossistema do satélite, o que gerou uma revolução em energia renovável. Os alienígenas também ensinaram muito sobre engenharia genética e restauração celular, foi assim que eles salvaram não apenas Henrique, mas milhares de pessoas. Em troca... os humanos até quiseram dar algo em troca, mas sempre que conversavam, os alienígenas respondiam estar felizes de nadar em um novo oceano, muito maior e diferente do que eles conheciam.

Mas, para Henrique, a maior contribuição dos alienígenas foi outra.

O recife de corais do Pacífico, vivo. Peixes, crustáceos, algas, vida como nunca tinha visto antes, como sempre sonhou em ver algum dia, ali, na sua frente. Levou anos, mas eles conseguiram ressuscitar os oceanos da Terra.

– **Henrique.**

“Quê?”

– **Você chora pra caralho.**

Henrique riu, e saiu nadando, apreciando o coral.

CONTATINHO

Paulo I. M. Florindo

Sim! Eu vi uma luz brilhante ao lado do avião. Eu juro que vi, mas minha namorada não acreditou em mim. Além de não acreditar, também caçou deste meu prazer em observar a tudo que voa. Menos pombos. Detesto estes ratos que voam. Já minha gata acha fofinhos estes bichos asquerosos. Não sei até quando esta nossa incongruência será tolerada por ambas. Um dia a casa cai, ou um avião cai, ou outro bólido aéreo qualquer cai sobre a minha cabeça. Daí parto para outra. Já estou ficando sem paciência. É muita falta de empatia pela minha curiosidade quase insana pelas coisas que voam. Dizem que sou uma engenheira aeronáutica frustrada. Outros dizem que eu vivo no mundo da lua. Ah! Como eu gostaria de voar à lua. Amandinha diz que a lua só serve de inspiração para os amantes. Eu concordo com ela. Realmente, meu benzinho, para os amantes da aviação, da engenharia espacial, de quem um dia quer ver outros mundos, mesmo que seja aquele monte de rocha e poeira orbitando o nosso planeta.

Aquela foi a nossa última discussão. Perdão, a penúltima. A última foi a do brilho ao lado do avião, fato que nos distanciou um pouco mais. Bem sei que parece infantilidade, mas não à toa estou cursando engenharia de telecomunicações. Optei por este curso por ser próximo da minha casa e quem sabe, ainda consiga uma pós-graduação em alguma área de engenharia espacial. Por enquanto a eletrônica que se usa para comunicações entre naves tem sido a minha motivação para continuar esta graduação. Mais uma vez, Amandinha se intromete em meus desejos. Ela não entende porque eu dedico tanto

tempo a estas coisas meio loucas. Mas eu não vou desistir por nada dos meus sonhos. Mesmo que Amandinha tenha sido minha primeira e única namorada até agora, vai chegar um momento que vou ter que escolher. Talvez já estejamos na fase de fadiga dos materiais. Papo de engenheira, este meu. Deixa pra lá minha história romântica. Talvez não caiba mais romance em minha vida.

Aquela luz brilhante ao lado do avião. Pelos meus cálculos visuais aproximados, se o avião voava a mais de onze quilômetros de altitude, a uns mil e seiscentos quilômetros por hora; se eu consegui visualizar por três segundos os dois objetos praticamente lado a lado, ou logo abaixo (não dá para ter certeza, devido à distância), no mínimo tinha velocidade compatível a um estratojet. Como recém era final de tarde e o céu ainda estava azul, não devia ser nenhum corpo celeste conhecido. A mim, só restava pensar se tratar de um objeto não identificado. Detesto quando chamam de disco voador. Amandinha chama assim, quando me refiro a estes supostamente desconhecidos objetos. Eu vi. Mais uma vez sou testemunha de algo tão misterioso. Além disso, será que só eu vi? Vou perguntar para os colegas da Universidade se alguém também presenciou. Vão me chamar de louca mais uma vez.

Ao final do dia, depois de aulas e mais aulas de cálculo vetorial com suas aplicações diversas em campos eletromagnéticos, campos dos fluidos e também nos campos gravitacionais, fui dar uma circulada entre meus parças para ver se alguém tinha visto algo de anormal nos céus. Eu sabia que corria o risco de ser tachada de anormal, mas isso não me abalava. Eu só queria confirmar se estava valendo a pena a minha bronca com Amandinha. Esta seria a prova dos nove para eu definir o meu rumo

nesta vida terrena. Alguém confirmando a visão, eu iria me dedicar tão somente aos estudos. Tanto aos estudos de eletrônica, quanto a busca por confirmação de algo além da nossa suposta presença solitária neste quadrante do universo.

A minha busca por solidariedade visual estava sendo um pouco frustrante, mas veio um estalo. Lembrei-me do Ignácio, astrônomo amador, que usava os equipamentos do pequeno observatório disponível na universidade. Mas encontrar o carinha não era tarefa das mais fáceis. O nerd às avessas andava sempre enrabichado em algum rabo de saia. Ainda bem que ele sabe que não sou chegada em um “male”, senão eu já teria sido vítima do Don Juan. Depois de percorrer os cantos escuros do campus e outros locais isolados, encontrei meu astrônomo batendo um papo com Amandinha. Será que a moça estava trocando de lado? Não dei muita importância ao fato e confiei na tal coincidência. Depois de pedir licença à minha namorada ou quase ex, sei lá, puxei Ignácio pelo braço e o levei até ao observatório. Chegando lá, fiz meu interrogatório. Lá pelas tantas, o cara pede para eu dar uma folga, para ele poder raciocinar e verificar as imagens e informações colhidas nos últimos dias.

Com a inteligência artificial neuromórfica chegando ao estado da arte, os telescópios são meras peças de captar imagens. Com todo o sistema automatizado, praticamente a astronomia perdeu o romantismo (e o cansaço) das noites em claro. Atualmente até mesmo de dia é possível vasculhar o céu, com os filtros e algoritmos especialmente desenvolvidos para tal função. Ignácio puxou a aba da tela flexível, pois com o corte de verbas o campus não havia adquirido ainda as telas holográficas. Quem sabe, quando eu chegar no instituto

de ciências espaciais, eu use uma. Sendo o que tínhamos, visualizamos os dados na tela antiga, mesmo. Meu amigo astrônomo passou os olhos nos arquivos e foi verificar as informações do dia em que eu presenciei o brilho estranho. Não sem antes, me dar uma alfinetada, perguntando se eu não tinha que ir dar uns amassos em Amandinha. Me fiz de surda e pedi para ele se concentrar na pesquisa. Para nossa surpresa, ou no meu caso, nem tanta surpresa, existiu um evento no mínimo diferente naquele dia. Movimentação intensa no céu, não somente nas coordenadas visíveis a nós. Ignácio se impressionou com o que via e comentou que seria impossível as autoridades não terem visto tudo aquilo. Muito estranhas as aparições. Por ser um equipamento mais modesto e de certa forma, antiquado, não foi possível ver com clareza do que se tratava, mas algumas centenas de brilhos foram registrados nas anotações do sistema.

86

Ao sair da sala do clube de astronomia, vi de relance Amandinha com a nossa antiga turma de festa. Parei um instante para refletir o que deveria fazer. Ir atrás e tirar satisfações ou ignorar e dar tempo ao tempo para ver no que iria dar? Rapidamente, voltei a minha atenção a um novo brilho no céu. Poxa! Assim, de novo, e sem ninguém por perto para se certificar de que não estou mentindo? Voltei correndo para avisar Ignácio, mas já era tarde. O cara também saiu correndo atrás da turma do trago. E pensar que eu já fui assim. Até anteontem eu saía às pressas da Universidade para chegar mais cedo na *Happy Hour* improvisada. Depois de todas estas cenas, lembrei de um filme do século passado que achei perdido entre arquivos na biblioteca virtual da Universidade. O longa, do tempo em que cinema divertia (pelo menos para mim, que gosto de filmes antigos, com gente de verdade) contava a história de um cara que perde a lembrança de

sua namorada. Eu bem que gostaria de ter acesso a esse recurso, agora. Essa promessa da ficção ainda não se cumpriu e nem surgiu nenhuma Lacuna Inc.

Criei coragem e subi o morro mais alto, próximo à cidade. Fiquei ali, espreitando o céu noturno na esperança de presenciar algo a mais do que meros pontos brilhantes que aparecem e desaparecem. Se pelo menos, Amandinha estivesse ali comigo, teria sido mais fácil ter paciência; ou não, se aquela chata começasse novamente a me atazanar a vida com sua aversão a “discos voadores”, mesmo eu insistindo que não existem esses objetos, que são criação de gente do século XX. O que buscamos atualmente é a comprovação de visitantes de outros planetas ou de outras dimensões. Chega de ficção, o que queremos é a realidade, nos mostrando a face dos nossos visitantes. Que eles estão por aí, já sabemos, só queremos saber se são feitos de matéria orgânica, de silício, de luz, ou outro elemento desconhecido. Mas é tanta questão filosófica que não consigo parar para pensar nas muitas possibilidades. Talvez para quem não tenha lido tanto a respeito, pesquisado de montão sobre o assunto, não seja tão doloroso. Para mim, é uma tortura mental e espiritual a cada divagação sobre seres espaciais ou seja lá o que forem. Depois de horas à espera de quem não veio, o frio, a fome e a falta de paciência me empurraram morro abaixo de volta para casa. Afinal, tinha que descansar. As aulas na Universidade me aguardavam.

Aquele dia seguinte foi um porre, pois no meio de tantos cálculos e equações, me vinham as lembranças dos pontos luminosos. Será que ninguém mais viu? Ninguém mais soube de nada? E o Ignácio, cadê o retardado do Ignácio? Quando eu mais precisava de alguém para conversar, trocar ideia, o cara sumiu. Além disso, será que as autoridades, que têm equipamentos

ainda mais sofisticados, não sabiam de nada? Por outro lado, se soubessem, é bem provável que nos sonegavam informações, como sempre. Não encontrei meu astrônomo de estimação em nenhum lugar do campus, ninguém soube do paradeiro do cara, nem ao menos o viram chegar. Eu tentei todos os meios possíveis de comunicação. Só não experimentei sinal de fumaça, senão poderia ser presa por poluir o meio ambiente. Restou-me ir até ao apartamento onde Ignácio residia com os colegas para ver se alguém sabia de alguma notícia do meu amigo. Apertei a campainha, bati na porta e nada. Dei meia volta e enquanto baixava as escadas, surgiu um rapaz que presumi ser colega de muquifo do Ignácio. O cara confirmou que moravam juntos e me contou que também não sabia o paradeiro de Ignácio já a algumas horas. Estava voltando da delegacia onde fora dar parte do desaparecimento do jovem universitário. Não tinha obtido sucesso, pois teria que esperar vinte e quatro horas para as autoridades declararem uma pessoa sumida ou sequestrada ou sabe-se lá mais o que. O pior é que a polícia, em pleno século XXII ainda insiste nesta história das vinte e quatro horas.

88

Morando na mesma cidade da Universidade, minha vantagem é ainda morar com os pais e ter algumas regalias, como não ter que dividir quarto, ter comida e roupa lavada, essas coisas. Uma das desvantagens é ter que chegar cedo, não poder morar com a namorada e ainda ter que dar satisfação aos velhos. Por isso, me dirigi rapidamente à minha casa, mas naquela noite, não cheguei ao meu destino. No meio do caminho dois homens vestindo roupas sociais escuras me interpelaram e me conduziram em um veículo desconhecido. Era uma geringonça esquisita. Fosse um automóvel antigo, com motor a combustão, não seria tão estranho. Não

aparentava ser elétrico nem hidro-híbrido, parecia flutuar em um campo magnético. Pensei: o que é isso, minhas deusas? Será que já estão entre nós, ou essa gente também andou olhando filmes dos homens de preto?

Eu precisava conversar com os trogloditas, deviam ser cinéfilos à antiga que nem eu. Mal deu tempo de eu completar meus devaneios culturais e um deles lascou uma pergunta sobre informações de rastreamento de objetos brilhantes no céu. Como assim? Quem contou para eles? Além disso, desconfiei do sotaque estranho do condutor do veículo. Será que o Brasil estava fazendo intercâmbio com agentes estrangeiros? Tremendo que nem vara verde, balbuciei qualquer coisa que os supostos agentes não entenderam. O agente com sotaque foi mais incisivo. Virou-se para mim, olhou fundo nos meus olhos e disse que eles sabiam de tudo. Como assim? Tudo o que? Das minhas notas, das provas que eu tinha acabado de concluir? Da minha rusga com Amandinha? Ou que eu e Ignácio tínhamos visto objetos brilhantes? Daí, criei coragem e respondi que Amandinha era apenas um contatinho que eu tive na Universidade. Deixei o MIB mais furioso. O cara levantou a voz e exigiu que eu respondesse o que ele queria saber.

— Tá bem — eu respondi.

E continuei:

— Eu vi objetos brilhantes na tela do telescópio de varredura exponencial. O Ignácio também viu.

Mais do que isso, só sei que o professor Eduardo tá tendo um caso com a filha do diretor que é casada com o prefeito. Óbvio que eu não disse isso.

Mais surpreendente do que a estranheza do veículo flutuar em terra, foi quando o bichinho virou para cima e deslizou os ares em direção desconhecida. Não consegui ver o trajeto porque a coisa ficou sem

contato visual com o exterior. Naquele momento, me senti como uma sardinha numa lata. Ouvia e sentia um leve zumbido, parecendo como se estivéssemos em um elevador em ascensão. Não sei exatamente o quanto durou a estranha viagem. Talvez quinze, vinte, trinta minutos? Talvez a eternidade de uma vida terrena? Só sei que acordei ao lado do Ignácio, entre fluidos que transmitem imagens, inclusive as nossas, que gravamos na Terra.

Olhei para meu amigo, ele estava inconsciente, com luzes direcionais em algumas partes do cérebro. Não entendo muito de anatomia humana, mas devem ter direcionado os raios de fótons ou algo parecido, a alguma parte sensível da consciência do cara. Olhei para os lados, para cima, o ambiente parecia uma discoteca dos anos 1980, uma penumbra envolta em fumaça suave, ou gases, mas é quase sem cheiro, uma leve fragrância de baunilha com toques amadeirados. Pô! Esse cheiro era do meu perfume. O mais assustador era o silêncio. Ouvia apenas a minha respiração e a do Ignácio. Minhas Deusas!

90

Acordei com saudade de Amandinha, louca para ir à aula, rever os colegas, e ver se o Ignácio tinha alguma novidade sobre aparição de objetos estranhos no céu. Minha mãe! Como é querida a minha *veinha*. Café preparado na mesa, um beijo na testa e desejo de boa prova. Prova?

— Que dia é hoje, mamãe? Terça-feira? Eu jurava que já era sexta-feira. Devo estar ficando louca.

**A VERDADE
SOBRE
GANÍMEDES**

Vinícius S. Bim

A comunidade científica fervilhou após finalmente comprovar a existência de formas de vida complexas fora da Terra, em 2095.

O jipe robô *GanyTwo* foi enviado para Ganímedes, o maior satélite natural do Sistema Solar – que descreve sua trajetória em torno do gigante Júpiter –, com o intuito de explorar sua superfície gelada e (principalmente) o seu subsolo, onde sempre fora especulado a possível existência de uma gigantesca quantidade de água salgada – maior até do que a disponível em nosso planeta –, cerca de cem quilômetros abaixo da crosta de gelo. Por muitas décadas, esse provável oceano subterrâneo foi considerado um forte candidato para abrigar vida; devido à camada de gelo que o cobre o proteger da violenta radiação emanada por Júpiter, além do contato direto com o manto gelado, o que permitiria a realização de reações químicas para a formação de moléculas complexas.

GanyTwo conseguiu chegar até o oceano subterrâneo através de um criovulcão (um tipo de vulcão que expele substâncias voláteis, como água ou metano, em vez de lava) inativo, localizado na superfície gélida de Ganímedes. Seu modo anfíbio permitiu que o jipe robô pudesse mergulhar naquele mundo aquático desconhecido. As águas se comparavam às existentes nas regiões abissais da Terra, onde a luz do sol não consegue alcançar, criando um ambiente escuro e com temperaturas baixas – na casa dos cinco graus Celsius. A profundidade do oceano varia de cinco a cem quilômetros.

Não demorou muito para que *GanyTwo* registrasse em fotos e vídeos as provas irrefutáveis que confirmaram a existência de formas de vida em Ganímedes. Não apenas uma, mas várias criaturas distintas; formando o que aparentava ser um ecossistema alienígena. Seres similares aos que já encontramos

nas profundezas dos oceanos terrestres. A semelhança chega a ser assustadora. Todas possuíam mecanismos de bioluminescência, além de adaptações que os permitiam se locomover pelo ambiente aquático, como nadadeiras e tentáculos. Nenhuma das espécies se organizava em grandes grupos, e todas as criaturas registradas não possuíam mais do que meio metro de comprimento.

Foi a descoberta do século. Contudo, perdemos contato com *GanyTwo* de maneira inexplicável, atribuiu-se a culpa a alguma possível falha mecânica do jipe robô.

O passo seguinte era estudar a composição interna desses seres. Portanto, seria necessário capturar essas criaturas. Tendo isso em mente, foi planejada uma expedição tripulada com destino a Ganimedes. Foram quatro anos de preparação. Uma equipe, formada por doze profissionais – oito homens e quatro mulheres – renomados em suas áreas de atuação, foi convocada e treinada para sobreviver às condições extremas da maior lua do Sistema Solar. Eu estava entre eles. Meu nome é Rupert Almodore, PhD em astrofísica e astronauta, comandante da missão *MarsHome* – responsável pela segunda expedição tripulada à Marte, em 2084.

O que estou prestes a relatar é algo que o governo tomou todas as medidas necessárias para manter debaixo do tapete. Com certeza virão atrás de mim, após passar essa informação extremamente sigilosa para frente. Mas, o que eles podem fazer a um velho que já está com os pés na cova? Me matar? Seria um favor... Bom, acreditar ou não nessa história, cabe unicamente a você. Não tenho como provar nada. Todas as evidências foram destruídas anos atrás. Enfim, vamos ao que realmente interessa: a verdade sobre Ganimedes.

A primeira missão tripulada à Ganimedes foi nomeada *GanyLifeDiscover*. Partimos da Terra em

20 de julho de 2099. Poderíamos ter ido antes, mas a humanidade gosta demasiadamente de simbolismos (algo que me irrita até hoje); falo isso porque naquele dia fazia exatamente cento e trinta anos que Neil Armstrong havia pisado na nossa lua. Grande merda.

Perdoe-me, estou fugindo do foco.

Levamos dois longos anos para concluir nossa viagem até Ganímedes. Comemorei meu quinquagésimo aniversário em uma nave. Eu nunca tinha ficado tanto tempo no vácuo do espaço. Acredite, é uma experiência que leva até os mais preparados aos limites da sanidade. Confesso que uma das partes que mais me assombrou nessa viagem foi a nossa passagem pelo cinturão de asteroides, localizado entre Marte e Júpiter. Achei que a minha morada eterna seria no meio daquelas rochas colossais. Os engenheiros responsáveis pelo desenvolvimento dos escudos de proteção da espaçonave merecem todos os créditos; não só pelos escudos, mas pelo projeto completo da *GanyLeo* – uma junção de Ganímedes com Galileo, homenageando o descobridor do satélite natural, em 1610 (*Vadia Azul* para os mais íntimos, por causa da pintura externa).

Nossa querida *Vadia* era equipada com tudo que se pudesse imaginar para garantir o conforto e segurança da tripulação; para se ter uma ideia, podíamos até assistir a qualquer filme na sua mesma data de lançamento na Terra; enquanto robôs humanoides realizavam as tarefas rotineiras, que incluíam desde manutenções mecânicas externas até simples limpezas diárias.

Embora eu tratasse cordialmente todos os membros da equipe, nunca cheguei a criar um vínculo afetivo com eles. Com exceção de Mary Lavaridge, a bióloga. Ah, Mary... Que mente brilhante aquela mulher tinha. Jamais conheci alguém tão dedicado ao seu

trabalho. Além de tudo, ela era provida de uma beleza estonteante. Olhos castanho-claro, cabelo crespo e um sorriso que era capaz de fazer até a criatura mais rabugenta do universo (me incluo como um forte candidato a esse posto) esquecer os males que atormentam sua alma. Assim como eu, ela nunca havia se casado ou tido filhos.

Eu sei que não foi muito profissional da nossa parte, mas acabamos começando um relacionamento no meio da expedição. Não era apenas uma atração física momentânea, eu realmente amava aquela mulher...

A propósito, o apelido da nave foi ideia dela.

Quanto a nossa chegada à Ganímedes, ocorreu tudo de acordo com o planejado. Pousamos na face da lua voltada para Júpiter, de modo que era possível ver a imensidão do planeta gasoso cobrindo quase todo o céu. As temperaturas do satélite natural variavam de cento e trinta a cento e cinquenta graus Celsius negativos. Nossos trajes nos permitiam suportar as condições climáticas extremas, além da radiação.

96

Passamos por um período de adaptação, de uma semana terrestre, antes de começarmos os trabalhos de exploração da gélida lua de Júpiter. Em um desses dias, tivemos a chance de testemunhar (mesmo a centenas de quilômetros de distância) a erupção de um criovulcão, expelindo uma quantidade absurda de água para a fina atmosfera de Ganímedes (composta, dentre outros gases, de oxigênio), formando uma espécie de gêiser colossal, que fez o solo tremer.

Algo que faz Ganímedes ser única, é o fato de possuir um campo magnético próprio. Isso faz com que surjam em sua atmosfera aquelas cortinas de luz fluorescente, que chamamos de auroras. Assistir aquele espetáculo proporcionado por Ganímedes, que incluía o gigante Júpiter dividindo o céu com as auroras dançantes,

ao lado de Mary, foi o ponto alto daquela expedição para mim.

Até aquele momento tínhamos testemunhado apenas o lado belo de Ganímedes. Contudo, o pior estava prestes a tomar forma.

Passado o período de adaptação, partimos rumo ao nosso principal objetivo: o oceano subterrâneo. Além da tripulação, a *Vadia Azul* também trouxe consigo duas naves de proporções menores (mais ainda assim enormes se comparadas a nós) capazes de executar voos e mergulhar a grandes profundidades. Se a nossa nave principal era uma puta, e esses modelos menores eram os filhos dela, creio que seja simples juntar dois com dois para chegar ao apelido que demos às naves-submarino.

Defini uma equipe de quatro membros para a primeira expedição ao subsolo de Ganímedes, incluindo eu. O resto acompanharia de longe, através do sistema de transmissão de vídeo. Originalmente, eu havia deixado Mary de fora. Embora a questão profissional exigisse a presença dela lá embaixo conosco, devo admitir que o lado emocional falou mais alto na minha decisão, afinal, podia ser algo extremamente perigoso; se tudo ocorresse bem nessa primeira exploração, eu daria permissão para que ela fosse em uma segunda. Ela não gostou nem um pouco. De tanto insistir, eu acabei cedendo e deixando ela vir conosco. Ah, o que eu mais queria era poder voltar atrás e tê-la impedido.

Os quatro selecionados e eu descemos dezenas de quilômetros através da garganta do mesmo criovulcão inativo que *GanyTwo* usou de rota de entrada para o oceano subterrâneo anos atrás. Sua cratera devia ter por volta de quinhentos metros de diâmetro.

Na metade da descida, o sistema de iluminação da nossa pequena nave era a única fonte de luz existente.

Eu não me lembro ao certo, mas acho que levamos cerca de duas horas para finalmente alcançarmos o tão almejado oceano subterrâneo. Colhemos amostras da água e identificamos uma grande variedade de minerais em sua composição, tais como magnésio, cálcio e sódio.

A escuridão que nos engolia era sufocante.

Atingimos uma profundidade de dois quilômetros, e até aquele momento não havíamos encontrado nenhum ser vivo. Nossa sorte só mudou quando chegamos na faixa dos cinco quilômetros, onde vimos os primeiros sinais de luz, dançando em meio a escuridão. Ao nos aproximarmos, constatamos que se tratava de um pequeno grupo de criaturas semelhantes aos nossos peixes abissais – igualmente sinistros. Os maiores não passavam de meio metro de comprimento. Seus mecanismos de bioluminescência se projetavam ao longo das nadadeiras peitorais, caudais e dorsais, emanando uma luz esverdeada. Os dentes das criaturas eram pontiagudos e enormes. Elas possuíam um revestimento ao longo do corpo similar às escamas dos nossos peixes terrestres.

98

Perseguimos os peixes de Ganímedes, com o intuito de capturar um deles. Eles nos levaram até uma depressão, mergulhando ainda mais fundo. Conseguimos capturar um deles vivo com sucesso. Trouxemos o peixe para dentro da nave-submarino e o colocamos em uma espécie de aquário preenchido com a água do seu ambiente natural. Logo após de seda-lo, Mary começou a examiná-lo. Tirando fotos, realizando medições e colhendo amostras de tecido e de um líquido esverdeado que deveria ser o equivalente ao nosso sangue. Porém, o efeito do sedativo durou menos do que o imaginado, fazendo com que o peixe acordasse subitamente. Ele se debateu no aquário, fazendo com que o recipiente

tombasse no chão e se quebrasse por completo. Mary, tentou sedá-lo novamente, mas quando se aproximou, o peixe fez um corte em sua mão esquerda com a nadadeira peitoral, ao mesmo tempo em que injetara um líquido azulado em sua corrente sanguínea. Mary gritou de dor. O peixe se debateu violentamente por mais uns três segundos, até que simplesmente parou de se mexer. A criatura não estava adaptada para sobreviver fora da água subterrânea de Ganimedes.

Perguntei à Mary se estava tudo bem. Ela disse que estava sentindo uma forte ardência na região cortada. E por se tratar de uma substância desconhecida, não teria como saber as consequências daquela exposição direta. Insisti para que voltássemos à base na superfície, para que ela recebesse uma análise médica adequada. Mas ela rebateu dizendo que não queria tratamento especial da minha parte e me deixou falando sozinho.

Continuamos vagando, sem rumo aparente, por mais alguns minutos, sem encontrar nenhuma forma de vida. Em um certo ponto, nos deparamos com gigantescos paredões rochosos, que formavam uma espécie de corredor natural, onde havia dezenas de enormes buracos incrustados – semelhantes a cavernas. Esses buracos não aparentavam ser naturais, pareciam ter sido esculpidos habilmente. De uma hora para outra, focos luminosos e esparsos começaram a ganhar forma ao longo dos paredões; centenas deles. No início, pensamos que fosse uma espécie de ninho gigante daqueles peixes que havíamos encontrado anteriormente. Contudo, não eram os mesmos seres. Eles eram maiores, a maioria passava facilmente dos dois metros de comprimento; e no lugar das nadadeiras peitorais, possuíam um par de membros – similares aos nossos superiores, com direto até a mãos com polegares opositores – além de uma estrutura

semelhante aos troncos humanos. As nadadeiras caudais ainda se faziam presentes. As cabeças dessas criaturas eram praticamente iguais às dos peixes de antes, só que em maior proporção. O padrão da bioluminescência se diferenciava nessa espécie, projetando-se no tronco e com uma coloração alaranjada em alguns e rosada em outros.

Eu os achei as criaturas mais repugnantes que já havia visto na vida. Mary ficou fascinada, não só com a estrutura física delas, mas também com o modo como a colônia parecia se organizar. Os membros da equipe que acompanhavam tudo de longe, na superfície, ficaram eufóricos com as imagens.

De repente, aqueles monstros aquáticos resolveram adotar uma postura ofensiva.

100 As criaturas de brilho alaranjado executaram uma espécie de manobra de ataque, nadando em grupo ao nosso encontro, enquanto os rosados voltaram rapidamente para o fundo das fissuras nos paredões. Cada um deles carregava consigo uma espécie de rocha, trabalhada para que assumisse um formato pontiagudo. Um dos monstros parecia coordenar o ataque do topo, emitindo sons agudos para os outros e gesticulando com os membros superiores as direções que o grupo deveria tomar. Aquele, sem dúvida era o maior deles, passando dos três metros da cabeça até a ponta da nadadeira caudal. A luz proveniente do seu sistema de bioluminescência se diferenciava de todas as outras criaturas, dando vida a um tom azulado.

Os tritões de Ganímedes atacaram a nave-submarino com uma chuva de estocadas; só se via dentes e nadadeiras aonde quer que olhássemos. Por mais resistente que o nosso meio de transporte fosse, não demoraria muito para que ele fosse danificado a ponto de

começar a entrar água em seu interior. A nave-submarino era grande demais para conseguir executar uma manobra rápida de fuga, por isso, não restou outra alternativa a não ser contra-atacar. Lancei pulsos sonoros de alta frequência, fazendo com que as criaturas recuassem por um breve momento. Tempo suficiente para que eu conseguisse finalmente mover a nave para longe daquele ninho de monstros.

Solicitei ao grupo da superfície para que nos esperasse no fundo do criovulcão com a segunda nave-submarino, pois já supunha que a nossa não seria capaz de levantar voo com todos esses danos.

Contudo, nossa sorte durou pouco. Em menos de um minuto, as criaturas tornaram a se agarrar ao nosso meio de transporte, e dessa vez os filhos da puta conseguiram inativar todos os sistemas da nave-submarino, deixando-nos como única fonte de iluminação a bioluminescência alaranjada dos tritões de Ganímedes. A água começara a adentrar em vários pontos. O vidro frontal estava a ponto de se quebrar por completo. A nave-submarino seguia afundando, enquanto a equipe toda berrava em desespero.

No instante em que dei a ordem para que todos fossem às capsulas de ejeção de emergência, um dos vidros laterais cedeu, fazendo a água preencher todo o ambiente interno, trazendo consigo pelo menos meia dúzia daqueles monstros. Nossos trajes eram capazes de executar suas funções debaixo d'água por alguns minutos, mas eram inúteis contra os dentes dos tritões de Ganímedes. Eu puxei Mary para perto de mim, enquanto presenciava uma carnificina. Os outros três componentes da equipe não tiveram chance alguma, seus membros foram arrancados e devorados da maneira mais grotesca possível.

Nossos trajes não permitiam que nos locomovêssemos com agilidade o suficiente embaixo d'água. Mesmo assim, tivemos a sorte de alcançar uma das cápsulas de ejeção. No entanto, um dos monstros estava em nosso encalço. Ele atacou Mary, proferindo uma dentada em sua coxa direita no momento em que eu acionei a válvula de abertura do compartimento de fuga emergencial. A criatura tentou arrastar Mary para longe de mim, mas eu a segurei com todas as minhas forças. Aquele cabo de guerra macabro acabou com Mary tendo o membro decepado. Eu agi o mais rápido que pude, puxando-a para dentro da cápsula comigo. O estranho é que o tritão não devorou a perna de Mary, ele largou o membro flutuando e fugiu. Puxei a válvula de ejeção e a cápsula foi lançada cerca de cinquenta metros para cima.

O interior do compartimento estava completamente tomado pela água, além do sangue de Mary. Por sorte, a cápsula fora projetada com um invólucro oco, que revestia toda sua estrutura oval, e um sistema capaz de abrir a camada mais interna, com o intuito de fazer a água escoar para a camada oca em uma situação de emergência. Se não fosse por isso, os trajes entrariam em colapso e parariam de realizar as trocas gasosas necessárias para que conseguíssemos respirar.

Mary continuava agarrada a mim, chorando e urrando de dor. Tomei as medidas necessárias para tentar estancar o sangramento, lembro-me de ter improvisado um torniquete, arrancando um dos cintos de segurança da cápsula e amarrando ao redor do que sobrara de sua coxa.

Eu achava que tínhamos nos livrados das criaturas, mas me enganei. Quando voltei minha atenção para o exterior da cápsula, pude ver ao longe vários pontos luminosos alaranjados se deslocando em meio

a escuridão, vindo em nossa direção; pareciam estrelas clareando a escuridão da noite. A poucos metros de nos alcançarem, um rugido grave chegou aos meus ouvidos. Os tritões de Ganimedes congelaram no mesmo instante. O som havia vindo do líder deles. Ele nadou calmamente, exibindo seu intenso brilho azulado, até bem perto de nossa cápsula.

Aquela criatura era majestosa e aterrorizante ao mesmo tempo. O líder dos tritões deu várias voltas ao redor da cápsula. Não sei dizer se eles possuíam algo semelhante ao nosso sistema olfativo, mas parecia que ele estava farejando alguma coisa. Nos momentos em que apenas sua nadadeira caudal era visível, parecia que estávamos cercados por um tubarão.

Em um certo ponto, ele encostou a palma de uma das mãos no vidro frontal da cápsula. Como se estivesse a analisando. Ele olhou fixamente para mim antes de soltar um último urro e nadar de volta para a colônia, levando consigo os outros tritões.

“Por que ele não atacou?”, eu me peguei perguntando em voz alta.

“Não foi só ele”, Mary retrucou. “Você também percebeu que o tritão que tinha arrancado minha perna não a devorou, além de ter fugido para longe de nós?”.

Eu assenti.

“Meu sangue deve estar contaminado com algo tóxico”, ela continuou. “Deve ter sido obra daquele primeiro peixe que pegamos... Além disso, meu sangue está espalhado por toda a cápsula, o que pode ter feito o tritão-líder senti-lo de alguma maneira, e chegado à conclusão que não seria seguro nos atacar”.

Mary sempre fazia observações perspicazes. De fato, sua teoria fazia muito sentido.

“Que merda, Mary”, eu praguejei chorando. “Eu

falei que não era para você ter vindo aqui embaixo”.

”Para com isso, Rupert, não foi culpa sua”, ela me consolou, colocando a palma de sua mão no vidro do capacete do meu traje. Eu nem sequer pude sentir aquele contato.

”Eu vou tirar a gente dessa”, prometi.

Acionei o sistema de navegação da cápsula, e detectei pulsos sonoros vindos de trás de nós. Com certeza provinham da base na superfície. Eles me indicariam o caminho de volta ao criovulcão. Eu não tive coragem de acionar o sistema de iluminação externo, pois sabe-se lá que outras criaturas a luz poderia atrair. Resolvi não arriscar, e me guiei apenas pela tela de navegação, que indicava os obstáculos ao meu redor, impedindo que eu me chocasse contra eles.

Mary estava começando a perder a consciência, e falava apenas em sussurros quase inaudíveis.

104

”Sabe... embora eu abomine... a ideia de casar... e formar uma família, uma parte de mim... sempre quis ser mãe”.

Essas foram suas últimas palavras. Chamei incansavelmente por seu nome, tentando reanima-la, mas foi em vão. Ela morreu nos meus braços. Quando me dei conta disso, eu simplesmente parei de guiar a cápsula e fiquei flutuando sem rumo naquela escuridão claustrofóbica por alguns minutos, colocando para fora toda a angústia da perda que eu acabara de sofrer.

Depois de um tempo, consegui chegar ao criovulcão – onde o resto da equipe estava esperando para nos levar de volta à superfície de Ganimedes. Contei a eles todo o ocorrido, bem como para os responsáveis pela agência espacial que nos mandou para cá. Eu solicitei o nosso retorno imediato para a Terra, devido a tais circunstâncias. Eles negaram. Disseram

que o investimento para aquela expedição fora o maior da história, e que nós não poderíamos voltar até que tivéssemos cumprido todos os objetivos.

Mandei um grande foda-se para eles, e iniciei nossa viagem de volta mesmo assim. Eles não gostaram nem um pouco disso. Fui dispensado do meu cargo no momento em que aterrissei em solo terrestre, em 2103. A agência espacial manipulou os fatos para a mídia global. Não mencionando em momento nenhum a existência dos tritões de Ganímedes, além de pressionarem o resto da equipe para colaborarem com a farsa. Eles mentiram sobre a decorrência das mortes dos quatro membros que não retornaram da expedição.

O que mais me doeu foi não poder ter trazido o corpo de Mary comigo. Não teria como conservá-lo por uma viagem de mais de dois anos. Tive que enterrá-la no solo gélido da gigante lua de Júpiter.

Não acredito em pós-morte. Mas devo admitir que não me importaria de passar uma eternidade ao lado de Mary, observando a grandiosidade de Júpiter e a beleza das auroras no céu de Ganímedes.

Quem sabe, Mary. Quem sabe...

A HERANÇA DE TELUS

Marcus V. M. de Araujo

Mark Carpenter esticou a mão direita e segurou firme na rocha. Com a outra mão enganchou o mosquetão no grampo fixado no costado da montanha. Escalava o Monte Branco, subindo pela rota do Gôüter, e o cume se encontrava perto. Sua mente tentou pensar na próxima missão, porém ele afugentou o pensamento e concentrou-se somente na escalada. O alpinismo não permitia erros. Precisava manter a atenção e o foco. Muitos já haviam morrido nessa montanha. Olhou para cima e localizou o guia. Continuou sua subida no ritmo firme de movimentação de mãos e pés alternados.

O vento gelado varria o ambiente. A mais de 4.700 metros o termômetro marcava -10°C. Estava cansado, mas tinha chegado. Os maciços nevados tiravam o fôlego de qualquer um. A visão da neve chegava a doer de tão alva. Olhando para o horizonte, onde as nuvens se confundiam com as neves eternas, Mark sentiu a força da criação. Era quando ele mais se sentia próximo de Deus e aproveitou para fazer sua prece interna de agradecimento. Acho que demorarei a ter essa visão novamente, pensou. Logo juntou-se ao guia e aos outros integrantes que estavam comemorando a vitória alcançada.

Dois dias depois, chegando de volta em Chamonix, recebeu um chamado da Administração Espacial Terrana pelo canal interno de voz.

— Oi, Suzanne — atendeu dando um tom meloso à sua voz.

— Você está sendo convocado para uma reunião de emergência aqui na AET.

— Vou demorar um pouquinho...

— Onde você está? — questionou ela curiosa.

— Nos Alpes, em Chamonix.

— E nem pensou em me levar... — disse Suzanne brincando.

Mark ficou calado pois não sabia das reais intenções dela. Sempre a achou uma mulher interessante. De repente em uma outra oportunidade... E justificou-se:

— Eu vim sozinho. Precisava fazer um momento de interiorização.

— Está desculpado. — Sorrindo continuou: — Mandei o jato empresarial para te pegar. Acaba de decolar de Londres.

— É sério, então?

— Isto aqui está uma loucura. Até parece que o mundo está acabando! — falou Suzanne.

— Vou pegar a mala e irei para o aeroporto. — E finalizou a ligação.

Mark foi o último a entrar na grande sala de reunião da AET que ficava no vigésimo andar do edifício sede da organização, o famoso prédio Carl Sagan. Tinha vindo direto do espaçoporto. O jato que fizera o trajeto entre a Europa e a América do Sul tinha estabelecido um novo recorde. Pegou um copo de água e dirigiu-se para um dos poucos lugares ainda vagos. Conhecia todos os que estavam no ambiente e, pelo visto, Suzanne estava certa: era o fim do mundo!

Viu a Diretora Geral da Administração Espacial Terrana levantar-se e se dirigir ao palanque do auditório. A australiana Dorothy Mercy era uma astrofísica experiente. Havia participado ativamente em dezenas de missões espaciais e inclusive vivera 2 anos na colônia marciana. Ela é a pessoa certa para esta posição, pensou

Mark.

Dorothy fez um sinal para o operador e no mesmo instante as luzes diminuíram significativamente, aparecendo no centro da sala uma holografia do sistema solar. A imagem começou a se acelerar, como se o observador estivesse dentro de uma astronave, se afastando do Sol. Após atravessar a órbita de Júpiter o fictício observador desviou seu foco de observação para o Cinturão de Asteroides. Milhares de corpos de todos os tamanhos passaram pela holografia até que a imagem diminuiu a velocidade e focalizou um determinado asteroide, que preencheu todo o espaço holográfico.

Tomando a palavra a Diretora Geral falou:

— Senhores, boa tarde. Vocês estão vendo o asteroide metálico Psique cujo diâmetro tem aproximadamente 250 km e sua massa equivale a 1% da massa global do cinturão, sendo o asteroide de maior massa metálica da região. Como vocês sabem a expedição ASTER-1 foi lançada há 4 anos atrás para observar e monitorar os maiores asteroides visando avaliar as condições para extrairmos os recursos minerais que tanto necessitamos na Terra e para estabelecermos bases com o objetivo de exploração do sistema solar exterior. Neste momento a nave exploratória encontrava-se a 30.000 km de distância do asteroide. Vejam.

A plateia ficou observando a imagem do asteroide aumentando quando, de repente, uma luz forte e concentrada apareceu na holografia e a imagem sumiu. Começaram, então, as conversas entre os espectadores, cada um querendo expressar sua opinião ao colega sentado ao lado.

Fazendo um sinal para que todos ficassem em silêncio Dorothy Mercy voltou a falar:

— Agora vocês verão a imagem gravada

pelo nosso telescópio orbital em Marte que estava acompanhando a descida da ASTER-1 em Psique.

Apareceu a holografia mostrando o asteroide e a pequena sonda robótica se aproximando do astro. Repentinamente um feixe branco saiu do asteroide em direção à sonda, destruindo-a completamente.

A Diretora Geral aguardou um pouco para que os presentes assimilassem o acontecido e anunciou:

— Perdemos a sonda exploratória ASTER-1 às 19:24 horas do dia 15 de abril de 2063. Esta é uma data histórica — profetizou Mercy.

Realmente este dia ficará registrado nos livros de história, pensou Mark, concordando com a Diretora.

//////

110 Da cabine de comando da EXCELSIOR, Mark admirava o Cinturão de Asteroides. Aquele evento mudou tudo. As nações se uniram e construíram a melhor e mais moderna espaçonave já feita pelo homem. Nunca um grupo de seres humanos chegou tão longe da mãe Terra e visto essa beleza ímpar. E no entanto aqui poderá ser nosso cemitério, pensou ele.

— Pronto para enfrentar o inesperado? — perguntou Carol, a piloto da espaçonave ao seu lado.

— Não — confidenciou Mark —, mas prosseguiremos.

Ela voltou-se para ele e falou:

— Não podemos fazer mais nada agora, não é?

— Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance.

Se os cálculos de nossos cientistas estiverem incorretos estaremos mortos antes mesmo de pousar em Psique. E mesmo pousando não sabemos se esses seres irão querer falar conosco ao invés de tentar nos matar. Sem

considerar o fato da comunicação em si. Como eles serão? Como nos comunicaremos com eles?

— Realmente — murmurou Carol, enquanto realizava um ajuste na rota da nave —, existem inúmeras questões e qualquer coisa pode acontecer.

— Assim mesmo toda a humanidade está ansiosa por este contato e nós faremos o nosso melhor — concluiu Mark.

Carol sabia que Mark estava correto.

Cinco anos se passaram desde o histórico evento da destruição da ASTER-1. A humanidade, agora, sabia que não estava sozinha no universo. Precisamos fazer contato com estes seres e descobrir de onde vieram, o que querem, como pensam, como vivem... Todas as tentativas de comunicação foram infrutíferas e as duas outras sondas espaciais que foram reorientadas de suas rotas originais para o asteroide também foram destruídas da mesma forma. São tantas as perguntas e, por enquanto nenhuma resposta. Pensou ela.

— Quanto tempo — perguntou Mark — para atingirmos o limite de Tabachi?

— Trinta minutos — respondeu Carol e continuou: — Espero que esse cara esteja certo.

Mark pensou um pouco e decidiu:

— Vamos ligar o retentor de energia quando estivermos a quinze minutos do limite. Vamos trabalhar a favor da segurança.

— Será que isto funcionará realmente como um campo de força nos protegendo do raio energético que virá do asteroide?

Olhando para ela e levantando a sobrancelha ele murmurou:

— Tomara que sim. A teoria e os cálculos do físico sul africano foram validados pela comunidade

científica internacional. Agora está nas mãos de Deus...
— E avisou o restante da equipe para travarem os cintos e os trajes espaciais.

Quanto mais se aproximavam velozmente do asteroide maior era a tensão a bordo da espaçonave. Como estavam ultrapassando a região na qual as outras sondas tinham sido destruídas, a partir de agora a qualquer momento poderiam ser atacados. Carol continuava a emitir os sinais, preparados pelos cientistas, em todas as frequências do espectro, na esperança que a raça desconhecida conseguisse entender as motivações da humanidade para aterrissar no asteroide.

Quando Mark imaginou que o ataque poderia não mais vir, o inferno desabou sobre eles. O raio energético atingiu a EXCELSIOR em cheio. Tudo que não estava preso voou no interior da nave com o impacto da energia destruidora no escudo de retenção. O campo

112 de força inicialmente absorveu a energia do raio, porém não aguentaria muito tempo mais se o ataque continuasse na mesma intensidade. Escutou Carol gritando:

— O retentor de energia está com 95% de sua capacidade. Vai estourar!!!

Mark sabia o que tinha que fazer. Acionou o comando desviando a energia acumulada no retentor para a grade energética ao redor da parte interna da nave, onde estava o veículo de pouso em que se encontrava juntamente com os outros tripulantes, condenando o casco externo da EXCELSIOR à destruição. Em seguida ligou os motores.

O clarão que se seguiu foi intenso. Mesmo com as viseiras abaixadas Mark e Carol tiveram que fechar fortemente os olhos. Ainda com os olhos fechados Mark ordenou:

— Aceleração ao máximo!

Carol acionou a alavanca fazendo com que a pequena espaçonave saísse de dentro da bola de fogo em direção a Psique.

Em seguida Mark escutou em seu cérebro “eu não quero aterrissar no asteroide”. Sentiu uma pressão intensa e uma grande vontade de realizar o desejo. Voltou-se para Carol e percebeu que ela estava sendo pressionada da mesma forma. Sua consciência não estava resistindo àquela forte sugestão hipnótica. Antes de atender a ordem dentro de sua cabeça gritou:

— Computador assuma o comando e realize o pouso nas coordenadas definidas. — E desmaiou.

/////

Mark acordou e olhou ao redor. Estava tudo em silêncio. As luzes davam uma impressão de normalidade na cabine de comando. Carol também estava despertando do desmaio. Olhou através das janelas frontais e viu o horizonte do asteroide. Pousamos, pensou. Conseguimos.

— Aleksey, vocês estão bem? — perguntou Mark, pelo intercomunicador, ao astrofísico que estava na outra sala com o restante da tripulação.

— Sim — disse ele —, apesar de alguns arranhões.

— Computador, relate danos.

— Todos os sistemas estão normais. Detectamos uma pequena queda de pressão no tanque 2. Já enviamos um micro robô de manutenção para averiguar e consertar.

Já tendo assumido suas funções, Carol falou:

— Pode me explicar o que aconteceu?

— Acredito que conseguimos enganar nossos vizinhos duas vezes. Primeiro ao utilizamos uma nave após a explosão do casco externo da EXCELSIOR e depois, quando do ataque psíquico que sofremos, ao

darmos o controle da nave para nosso computador de bordo — inferiu Mark. — Carol, faça uma verificação 360° e veja o que descobre. Enquanto isso vou cuidar da instalação da cerca de segurança ao redor da nave. — E saiu da sala.

//////

Aleksey conectou o último poste da cerca de segurança e sinalizou para Mark ligar o sistema.

— Perfeito — disse Mark —, agora pelo menos temos alguma proteção.

— Este local foi muito bem escolhido pelo controle da missão. Nesta pequena planície temos visão para todos os lados — afirmou Aleksey.

114 — Esse foi um dos objetivos da escolha, além do fato deste local ser oposto ao ponto de onde saíram os ataques da arma alienígena. Vamos voltar e reunir a equipe para os próximos passos — concluiu Mark.

— ... assim conseguimos um primeiro sucesso, mas não podemos achar que tudo está resolvido. Não sabemos quem são os “vizinhos” e nem quais outras surpresas terão para nós. É uma corrida contra o tempo. Temos que encontra-los e tentar estabelecer contato antes que...

— Será que tentarão um novo ataque? — perguntou a exobióloga Rosemay.

— Acho bastante provável — disse Mark. — Acredito que eles estejam se defendendo.

— Não seria mais fácil tentar conversar? — questionou Aleksey.

Adiantando-se a responder o engenheiro japonês Takomura falou:

— Essa raça pode ter outros parâmetros de moral.

Não conhecemos como eles pensam. Simplesmente não sabemos.

— Carol — disse Mark —, eu e os outros sairemos no jipe em direção ao monte a nordeste para tentar achar uma entrada para o subterrâneo. Enquanto isso você continua tentando estabelecer contato com nossos tímidos “vizinhos” para dizer que viemos em paz. — E encerrou a reunião.

/////

Já tinham percorrido quase toda a distância até a pequena elevação quando receberam o contato de uma Carol assustada:

— EXCELSIOR chamando EXPLORE-1, responda.

— Na escuta, Carol. Pode falar — respondeu Mark.

Alguns segundos depois ela continuou:

— Tem um veículo grande se aproximando da nave. Eu diria que tem o jeito de uma viatura de ataque. Ele veio do lado oposto ao que vocês utilizaram.

— Alguma resposta às nossas tentativas de contato?

— Nenhuma. Eles não entendem ou não querem responder. Estou com mal pressentimento — murmurou ela.

— Vamos dar meia volta e voltar — falou Mark.

— Não, comandante. Não faça isso. Continue e tente estabelecer contato com essa raça. Acho que será mais produtivo e ... — A ligação cessou abruptamente.

Neste instante Takomura gritou, apontando para o monitor de longa distância:

— Vejam! — A imagem mostrava a EXCELSIOR

sendo atacada pelo misterioso veículo com grossos raios energéticos.

Rosemay deu um grito e olhando para aquela imagem sussurrou:

— Nossa nave não vai aguentar e a Carol está lá dentro!

Todos ficaram em silêncio observando a cena sabendo que não havia nada que pudessem fazer. A não ser esperar que a cerca energética de segurança conseguisse resistir ao ataque.

O atacante continuou a derramar energia sobre o campo protetor da espaçonave, fazendo com que começasse a mudar de cor.

— O campo está entrando em colapso — sentenciou Aleksey.

Como que obedecendo ao comando do astrofísico russo houve um grande clarão, seguido de uma explosão.

116 Perecera a primeira vítima da guerra não declarada com os alienígenas. E agora, sem chance de escapar do asteroide, esse número poderia subir rapidamente.

/////

Sem tempo para lamentar a morte da amiga, Mark acelerou o EXPLORE-1 em direção ao monte. Se formos pegos em campo aberto será o nosso fim, pensou ele.

— Takomura, fique de olho no radar e veja se encontra alguma entrada nessa encosta — determinou Mark. — Temos que sair da visão deles.

— Nossos sensores mostram uma rede de túneis abaixo de nós — informou o japonês depois de algum tempo. E continuou: — Na frente, a 500 metros, um desses túneis vai até a superfície. — Indicando na holografia.

— É uma entrada! — disse Rosemay esperançosa. Balançando a cabeça em sinal de concordância, Mark corrigiu a rota direto para o local.

— Realmente a Rosemay está certa — falou Aleksey. — Só não sei como entraremos.

— Toda porta tem uma chave. Temos que encontrar a que destranca essa — retrucou Mark.

— E por que não vimos essas estruturas do espaço? — perguntou Rosemay.

— Provavelmente — disse Takomura — eles possuem um campo de contenção que refletem os sinais externos.

Mark reparou que a posição da porta não permitia que ela fosse vista do espaço, inclusive havia espaço suficiente na entrada da gruta para estacionar o jipe, que ficaria também fora de visão. Ele desligou o veículo e falou:

— Fechem seus trajes e peguem todo o equipamento. Vamos sair. 117

Os 4 astronautas se dirigiram ao portal sem saber como fariam para abri-lo. Quando estavam já perto, enquanto observavam os adornos do pórtico, aconteceu o inesperado. Uma pequena porta, misteriosamente, se abriu na estrutura maior, liberando a passagem para o grupo. Eles se entreolharam.

— Talvez seja uma cilada — disse Takomura indeciso.

— Ou talvez seja um dispositivo automático acionado por sensor de proximidade — contrapôs Aleksey.

— De qualquer forma entraremos — decidiu Mark. — Afinal, se queremos conhecer nossos anfitriões precisamos prosseguir e assumir alguns riscos. — E encabeçou a fila atravessando a porta.

O corredor cilíndrico era cumprido e bem iluminado, porém estreito. Não havia distinção entre paredes e pisos. Era como se fosse uma única superfície curva. Permitia que apenas duas pessoas ficassem lado a lado. Até onde se enxergava não havia nenhum ser vivo ou robô. Liberaram o pequeno drone que seguiu na frente deles transmitindo as imagens que captava. Após uns dez minutos de caminhada Mark parou e fez sinal para eles pararem.

— Contato a frente — disse Mark olhando para a imagem holográfica projetada em cima de seu braço. — Estão vendo? Takomura, o que diz o seu sensor?

— Definitivamente metálico — respondeu o engenheiro.

Mark refletiu e falou:

— Rosemay venha comigo. Vocês fiquem aqui observando através do drone.

118

Ao se aproximarem viram que o autômato estava reparando tubulações internas na parede. O robô parou o que estava fazendo e se separou em 3 pedaços, posicionando-se de forma a liberar espaço para que eles prosseguissem. Mark e Rosemay passaram e logo após Aleksey e Takomura também os seguiram. O robô voltou a se integrar e retomou seu trabalho como se nada tivesse acontecido.

— Pensei que nosso contato com outra tecnologia seria diferente? — confessou Aleksey.

— Eu, se fosse você — observou Takomura —, não consideraria este como um contato real. Trata-se apenas de um autômato fabricado para tarefas específicas e sem capacidade de grandes extrapolações, mas que deve ser capaz de reconhecer seres orgânicos, cujas ações devem ter prioridade sobre a sua.

E continuaram a caminhar para o interior da

instalação. Interrompendo a conversa Mark revelou:

— O túnel acaba em 50 metros. Vamos fazer...

Não conseguiu terminar a frase pois apareceu um ser robótico, com um apêndice armado apontado para eles e outro apêndice segurando o drone esfacelado. Takomura, instintivamente, levantou sua pistola e no mesmo instante foi atingido no peito pelo raio energético da arma alienígena. Rosemay deu um grito e Mark jogou sua arma no chão, falando para Aleksey fazer o mesmo.

Parados no fim do túnel, sob a mira da arma do robô, eles se olharam com ar de desolação esperando o tiro de misericórdia. Alguns segundos depois, contudo, uma fresta surgiu à frente deles e a parede começou a deslizar.

— Entrem, terranos! — disse uma rouca voz metálica vindo de dentro.

/////

119

Mark, Rosemay e Aleksey entraram no recinto iluminado seguido pelo autômato que continuava com sua arma apontada para eles. Após alguns segundos, que pareceram uma eternidade, ouviram novamente a estranha voz:

— Somos o Guardião de Telus.

— De onde são vocês? Como falam nossa língua?
— questionou Rosemay.

— Aprendemos sua linguagem, cultura e história acessando suas transmissões e pela internet interestelar e também o computador de sua nave antes que fosse destruída. — E a voz continuou: — Somos oriundos do planeta Telus que existiu entre as órbitas dos planetas que vocês conhecem como Marte e Júpiter. A maioria dos asteroides são fragmentos que sobraram da explosão

de nosso mundo.

— Quando isso ocorreu? — perguntou Aleksey, excitado com o que acabara de ouvir, esquecendo-se completamente da situação crítica em que se encontravam.

— A vida surgiu em Telus há aproximadamente 4,5 bilhões de anos atrás pela contagem de tempo terrana, Porém, diferente do que ocorreu na Terra, em Telus aconteceu uma bifurcação da evolução que deu origem a duas raças inteligentes distintas que evoluíram por linhagens diferentes. As raças sempre lutaram por espaço, recursos e domínio do único trecho de água do planeta. Há 3,5 bilhões de anos o planeta foi destruído por explosões internas de seu núcleo em função de um ataque atômico global que os Tirtak fizeram contra os Cerlak na tentativa de vencer definitivamente a guerra. Alguns sobreviventes de ambos os povos conseguiram chegar até o planeta Marte e lá recomeçaram suas civilizações, e também sua guerra. Quinhentos milhões de anos depois, os Tirtak conseguiram ganhar a guerra e exterminaram os Certak. Porém, a consequência desse ato foi a perda quase completa da água e da atmosfera do planeta Marte, fazendo com que os Tirtak tivessem que se refugiar no subsolo e fossem perecendo aos poucos.

Mark estava extremamente surpreso. O que acabara de ouvir era uma revolução científica sem precedentes. A vida inteligente, então, é mais comum que imaginávamos, pensou. E perguntou:

— Guardiã, como era a forma dessas duas raças?

— Uma era de formato humanoide e a outra parecida com um grande anfíbio de corpo longo e cauda afilada, para utilizar uma imagem conhecida por vocês.

— Então esses anfíbios exterminaram os humanoides? — perguntou Rosemay.

— Não, terrana. Foi exatamente o contrário. Os Tirtak, parecidos com vocês, é que exterminaram nosso povo. Este asteroide é o que sobrou da civilização Certak.

Após o choque da informação Aleksey falou:

— Então foi por isto que vocês nos atacaram?

— Sim, terrano — disse o Guardião —, minha parte móvel não está mais funcionando adequadamente. Após estes bilhões de anos, percorrendo solitariamente o asteroide aguardando o retorno de nossos criadores, a consciência positrônica individual de minha parte móvel foi afetada e criou uma realidade paralela. E nesta realidade vocês são os Tirtak.

— A unidade móvel não pode ser consertada? — perguntou Mark olhando em direção ao autômato ainda com a arma apontada.

— Não. Minhas capacidades de auto regeneração são limitadas, embora para sua cultura pareçam infinitas.

— E corremos perigo? — quis saber Rosemay.

— Dentro deste complexo vocês estão em segurança pois aqui ainda consigo comandar todas as unidades robóticas. Porém, se saírem daqui, não posso garantir sua segurança.

Como iremos embora? Pensava Mark quando o Guardião continuou sua fala.

— Desde nossa criação experimentamos e vivenciamos muitas coisas. Ajudamos aos poucos membros do nosso povo, que conseguiram vir para este asteroide fugindo do extermínio em Marte, a se manterem vivos o máximo que pudemos. Assim mesmo, o último Certak que viveu aqui morreu há centenas de milhares de anos. Desde então não tivemos mais contato com nenhum ser orgânico. Agora apareceu uma chance.

— O que isso quer dizer? — perguntou Mark.

— Existe uma solução para o impasse atual. Temos

condição de desligar nossa consciência bio-positrônica e, neste caso, todas as minhas partes existentes no asteroide ficarão inertes, permitindo a vocês saírem sem perigo.

— Por que você faria isso Guardiã?

Após alguns segundos, equivalentes a uma eternidade, o grupo escutou:

— Depois de bilhões de anos estamos “cansados” e queremos “repousar”. Porém não podíamos fazer isto pois a herança dos Certak se perderia conosco. — E continuou: — Terranos, vocês se comprometem a divulgar nosso legado e nossa história?

— Claro — falou logo Aleksey, adiantando-se a todos.

— Mas deve haver outro jeito de fazermos isso sem que você morra — sussurrou Rosemay.

— Terrana, não precisa ter este tipo de preocupação. Há muito cumprimos a missão para a qual fomos criados e, de alguma forma, estaremos presentes na herança que será transmitida. Lembrados como o último dos Certak de certa forma seremos eternos.

//////

Mark esperava ansiosamente o contato final do Guardiã de Telus. O que será que está passando na mente dessa inteligência? pensou. Sua mente estava em polvorosa com tudo o que tinha acontecido. Mais uma vez a realidade superava a ficção. Olhou para seus colegas e viu que eles deviam estar tendo pensamentos semelhantes ao seu.

Finalmente a voz do Guardiã se fez ouvir.

— Terranos, estamos prontos.

— O que devemos fazer, Guardiã? — questionou

Mark.

— Absolutamente nada, terrano. Emitirei um comando interno que desligará minha inteligência biopositrônica incapacitando, conseqüentemente, todas as minhas partes móveis no asteroide. Criei um dispositivo que permitirá que vocês entrem em contato com seu povo através do acesso à rede interestelar de comunicação. — No console à frente surgiu uma abertura onde apareceu uma espécie de palmtop.

Mark pegou o equipamento e antes de liga-lo, murmurou:

— Então não iremos mais conversar?

— Não, terrano. Este dispositivo em suas mãos obedecerá à sua voz. Nele encontra-se acumulado o conhecimento e a cultura de nossa raça, resultado de bilhões de anos de nossa existência. Desejamos que estas informações sejam utilizadas para o progresso e a paz de seu povo.

— Em nome da humanidade agradeço o presente que estamos recebendo e tenha a certeza que divulgaremos a fonte deste conhecimento. 123

— Telus agradece. Nos despedimos com o sentimento da missão cumprida. Nossa cultura não desaparecerá pois continuará no desenvolvimento dos terranos. Adeus, Mark.

— Adeus, Guardiã.

Mark olhou para Rosemay e Aleksey, ligou o dispositivo e determinou:

— Contatar a Administração Espacial Terrana.

Algum tempo depois eles escutaram:

— AET, falando.

— Aqui é o comandante da EXCELSIOR, falando diretamente da superfície do asteroide Psique. Coloque-me em contato com a Diretora Geral imediatamente.

Segundos depois ouviram:

— Dorothy Mercy, falando. É você Mark? — perguntou com grande dose de incerteza.

— Sim, diretora. Aqui é Mark.

— Graças a Deus, vocês estão vivos!!!

— Infelizmente nem todos. Carol e Takomura estão mortos. Rosemay e Aleksey estão bem aqui comigo. Diretora, pode enviar a nave de resgate pois não há mais perigo de aproximação e pouso em Psique.

— Então vocês conseguiram manter contato com a raça alienígena?

— Não só mantivemos contato como estamos levando um presente.

— E que presente é este? — perguntou Dorothy Mercy preocupada.

— A herança de uma raça — respondeu Mark.

E o silêncio reinou.

A NINFA

Érulos F. Filho

César não se lembrava de outra ocasião na qual ficara tão emocionado, como naqueles primeiros instantes de contato visual com o recém descoberto planeta no sistema solar, 2075EF.

Não havia nada de mais na cena, o novo planeta, tipo rochoso, não exibia anéis e tinha uma tênue atmosfera com oxigênio, orbitando a mais de 15.000 UA do Sol, era uma impossibilidade.

Ravena, a piloto da nave Terra-1, abriu o espumante especialmente desenhado para aquele momento, o barulho das bolhas de gás chamou César de seu devaneio, pegando o recipiente que se fazia de taça, oferecido pelo capitão Andrei, brindou com os colegas à chegada da humanidade ao mais remoto planeta do sistema solar:

— Não sei o que Neil Armstrong diria se estivesse aqui, — falou o capitão — mas Platão uma vez disse que a parte que ignoramos é muito maior que tudo aquilo que sabemos, bem, a partir de hoje, deixaremos a parte que sabemos, maior!

127

Encerrada a celebração, poucas horas depois, o exobiólogo César, atravessava a suave atmosfera, na pequena nave de transporte e pousava no local escolhido.

— Terra-1, estou saindo da nave e pisando no solo neste momento! — disse para fins de registro.

— Confirmada recepção — respondeu Ravena pelo sistema de comunicação.

“Bem, vamos começar”, pensou César, acionando os conjuntos de análise e experimentos automáticos que carregava, aguardando pelos resultados na tela transparente do visor de seu traje pressurizado.

O terreno emitia radiação infravermelha de baixa intensidade e apresentava temperatura de 22 graus

Celsius, o Sol era um pálido ponto luminoso, era óbvio que o aquecimento tinha origem subterrânea, alguma fonte de calor interna do planeta criava numa faixa de 100 metros de altura do solo uma temperatura que mantinha o frio do espaço longe do solo o suficiente para uma vegetação simples, que lembrava os líquens da Terra, e alguns tipos de árvores coníferas crescerem. A gravidade do planeta era menor que a da Terra, andar era confortável.

Logo, as medições confirmaram a existência de vapor de água na atmosfera tênue de oxigênio, deixando-o tão feliz como um exobiólogo poderia estar. Foi quando ele a viu pela primeira vez.

Parecia uma projeção holográfica, apresentava semelhanças como um ser humano, tinha aspecto suave, feminino, mas algo como um par de asas transparentes destacavam do seu contorno, como duas lâminas de cristal de quartzo, que produziam minúsculos arco-íris naquela pouca claridade. Não conseguia ver detalhes do rosto, mãos e pernas, ele estava em êxtase. E assim como surgiu, desapareceu na penumbra daquele mundo distante.

Era com certeza um habitante do planeta, seria inteligente ou primitivo? Poderiam se comunicar com ele ou ela? Recuperando-se do choque, relatou o fato a seus amigos na nave, que redobram os esforços para detecção de vida. Contudo, mais de quarenta e oito horas terrestres haviam se passado e nada do alienígena reaparecer, teriam que partir breve devido à janela de retorno para a estação base em órbita de Netuno.

Distraído em seus pensamentos, César já estava aceitando partir sem um novo avistamento, por isso não saberia dizer há quanto tempo a brilhante criatura o observava, mas quando percebeu, um rosto quase

humano era visível, lembrando uma criança pelos traços suaves, olhos enormes pareciam duas joias azuis na face irisada como o resto do corpo.

Havia dois pés, bem longos e braços também. As asas estavam lá. César lembrou-se dos contos de mitologia grega e se perguntou se ali não estaria uma Ninfa e riu consigo mesmo e, no mesmo instante, o ser alado se movimentou. O sincronismo foi tão grande que julgou que aquele ser podia ouvi-lo rir.

Ele riu de novo, dessa vez mais alto, e novamente o alienígena se moveu.

A nave havia registrado aquela presença e depois que César relatou suas experiências com sua risada, discutiram as possibilidades de estabelecer comunicação.

Explorar sons foi a melhor alternativa que encontraram para tentar se comunicar com a “Ninfa”, como batizou César. Começaram pela música clássica, emitida pelo sistema de comunicação do traje de César. Bastou os primeiros acordes de “As Quatro Estações” de Vivaldi para que a criatura reagisse em ritmo com a melodia, para surpresa de todos.

Então, ao mudar de faixa musical no painel de seu computador no traje, César percebeu que se sentia inclinado a buscar outra, como se soubesse de antemão o que agradava ou não, ao ser alado, achava inicialmente que as decisões eram suas, mas quando viu os braços finos da Ninfa movendo-se em ritmo com seu pensamento, suspeitou de algo e compartilhou suas dúvidas com os colegas.

— Telepatia? — questionou Andrei pelo intercomunicador.

— E se a criatura percebe nosso campo elétrico, como nossos sensores, ao invés do som como pensamos? — sugeriu Ravena.

Então, os dedos de César selecionaram Bach, e quando começou seu prelúdio favorito do concerto para violoncelo, o corpo do ser alado começou a iluminar-se, cada vez, mais até que uma explosão de cores, visual e psíquica, inundou os olhos e seus pensamentos, fazendo-o desmaiar.

Simultaneamente, Andrei e Ravena em órbita, também foram atingidos, como se tivessem tomado algum psicotrópico, o corpo de ambos se encheu de endorfina, antes de desmaiarem.

Ravena acordou e percebeu que a data do retorno já estava comprometida, deveriam partir urgentemente. Tentou contato com César, junto com Andrei que recuperava sua consciência, buscaram rastrear o colega no planeta, infrutiferamente, ele não estava mais no local de pouso.

130 O exobiólogo, naquela explosão psíquica, havia sentido uma alegria indescritível que brotara telepaticamente daquele ser alado. “Ela” era inteligente, e o agradeceu por lembrá-la da harmonia que viveu no passado e, em segundos, as cenas de uma civilização distante cruzaram a mente do exobiólogo como um raio de luz multicolor, fazendo-o reviver a vida daquele ser milenar, último da sua raça.

César sentiu em instantes toda a alegria que a Ninfa viveu no passado e toda a tristeza por testemunhar a queda de sua própria civilização.

Quando voltou a si, antes de seus colegas na nave, tendo testemunhado toda a glória daquela civilização antiga, agora agonizante, sem preocupar-se com seu retorno, oxigênio ou alimentação, esquecendo dos amigos, da missão, sentindo-se sob efeito de poderoso impulso, apenas continuou andando, atraído para ela, como uma mariposa em direção à luz.

AS VESPAS DE SATURNO

Bruno Oliveira

Depois:

Vera olhava para o pequeno cilindro de plástico e não acreditava: POSITIVO. Sua cabeça pesava, sua boca estava seca e seus olhos ensaiavam uma inevitável umidecência. Aquilo não poderia estar certo. Impossível aquilo estar afirmando algo que era biologicamente inconcebível. Não teve relações com ninguém, isso era certo, quer dizer, só consigo mesma, e isso era mais certo ainda. Como então? Não fazia o menor sentido. Fizera o teste apenas de gozação, ou melhor, fizera-o só para ver como funcionava a parada tecnológica da vez. Sua intenção era meramente satisfazer sua curiosidade a respeito do pequeno dispositivo descartável. Vera queria apenas saber como aquela combinação de materiais tão diversos poderia lhe informar, quimicamente, se estava ou não grávida. A resposta afirmativa era um óbvio equívoco. Vera então, meio a contragosto meio desesperada, comprou outro autoteste. Coletou a amostra ali mesmo na toailete da loja e, para a sua desagradável surpresa, o resultado se mostrou o mesmo: POSITIVO. Que porra era aquela?! Vera ficou irritada. Uma dor forte no peito se intensificou, suas pernas ficaram moles e um desmaio quase a acometeu. Vera não estava bem. Aquele resultado era um absurdo! Um disparate cruel e sádico de quem inventara aquela merda de autoteste de gravidez. Vera gritou. Vera chutou a porta do banheiro em que estava e, com a calcinha nos joelhos, pegou outro daquele autoteste maldito na gôndola respectiva da loja em que estava e fez o teste bem ali, no meio da loja. Vera não deu a mínima para as pessoas que estavam ali assustadas com sua empreitada inusitada. Vera trajava uma fúria ancestral. Vera pegou, abriu e enfiou entre as pernas os autotestes que via pela frente. Todos esses foram unânimes: POSITIVO. Uns foram descaradamente

sádicos: PARABÉNS, MAMÃE! Parabéns o caralho!! Vera saiu para a rua, a calcinha enrolada no calcanhar esquerdo. Ninguém a interpelou ou tentou alguma aproximação mais caridosa dela. Na rua, Vera era a besta-fera em pessoa. Em casa, Vera desabou na cama. Cama de casal. Morava só. Sempre fora só. Vera chorava e gritava de bruços na cama. Um travesseiro servia como um abafador inútil. Vera engasgava e soluçava. Após um tempo, Vera se virou e ficou olhando para o teto: cinza. Ficou lá matutando a quase milionária chance numérica de todos os autotestes, por ela mijados, estarem totalmente errados. A probabilidade não estava do lado dela. Vera então pensou em religião. Vera nunca acreditara em milagres, nem sequer frequentava templos, casas ou grupos que só se reuniam para e exclusivamente esse tipo de coisa. Vera pensou, pensou e acabou dormindo. Após algumas horas, despertou. Ainda deitada, se sentiu estranha, meio grogue e com uma baita enxaqueca. Foi quando tentou erguer o tronco para sentar ao lado da cama que Vera percebeu a saliência: sua barriga estava enorme, inchada. Puta-merda! Vera tentou gritar, mas não conseguiu. Parecia que alguma força a seu redor a imobilizava. Paralisia do sono? Vera achou que sim. Vera estava agoniada. Não entendia nada do absurdo, do horror que estava acontecendo consigo. Nem chorar mais Vera conseguia. Era como se seu corpo estivesse em estase, mas a consciência não. Vera forçou a barra. Vera tentou revidar aquela força invisível que a estava prendendo na cama. De repente, todo o seu quarto ficou escuro. O silêncio do quarto só era quebrado por dois barulhos bem distintos. Um vinha da Vera, do seu coração, batendo acelerado de medo e preocupação. O outro vinha de dentro da sua barriga. Esse, era um zumbido. O barulho do zumbido ficou mais alto! Em todo

o quarto, só se ouvia esse som. Vera continuava imóvel e consciente, horrorizada e consciente. Algo começou a pulsar de dentro da sua barriga, algo lá rapidamente se contorcia. Vera não sentia dor. Só o pavor a tomava de todo. Que troço era esse? Esse pesadelo não acaba, não? Foi quando a criatura lhe rasgou o abdômen que Vera percebeu a plateia: seres de aspecto insectoide lhe faziam vigília. Todo o quarto estava num breu, mas dava para vê-los: seus olhos diminutos brilhavam negros no escuro. Quantos eram? Eram muitos! Vera estava em choque. O serzinho que lhe rasgara toda se contorcia ereto e meio mole junto a suas vísceras. Dois pares de mãos, braços, patas finas ou algo do tipo pegou com cuidado o recém-nascido e o envolveu numa espécie de seda gástrica transparente. O ser insectoide, dono das patas finas, olhou para a Vera. Seus olhos não tinham pálpebras. Vera o fitava com os olhos arregalados. O ser inclinou levemente a cabeça para baixo. Vera poderia jurar que aquele ser a estava agradecendo. Um zumbido diferente se fez presente no recinto. Uma espécie de gás envolveu todo o quarto. Vera adormeceu novamente. Quando acordou, acordou como de costume. Tomou café e foi correndo trabalhar. Nem uma lembrança, tampouco uma cicatriz se via em seu corpo.

/////

Antes:

Zarina olhava para o corpinho inerte do seu último rebento e não sabia o que fazer. Após bilhões de filhotes bem-nascidos, após ter dado à luz a um planeta inteiro praticamente, seus filhos nasciam mortos. O desespero era visível. Aquele era o milésimo natimorto. Sua corte estava preocupada. Cogitavam, entre uns

pequenos grupos, a destituição da rainha. Um nome até era já discutido. Zarina porém era muito bem-quista pelo seu povo. Seu reinado era forte. Assim como ela própria. Mas havia um problema, e dos grandes. O futuro do seu povo, da sua raça, estava ameaçado. A colmeia enfrentava a sua pior crise. Milênios de toda uma civilização estava em xeque. Zarina precisava fazer alguma coisa, e logo. Mas o quê? Infundáveis testes foram feitos. Todo tipo de cientistas, xamãs e astrólogos foram consultados. Nada nem ninguém conseguia responder comprovadamente o porquê da infertilidade de todo um planeta. Não só a rainha estava infértil, mas seus cem habituais zangões também. Além, é claro, das pequenas possíveis rainhas. Várias gerações só tinham em seu limiar a extinção. Nada poderia ser feito? A aniquilação, o genocídio seria assim aceito? Zarina não aceitava esse destino. Zarina não queria desistir assim tão fácil, tão docilmente. O desespero era global. O caos inflamara toda a colmeia! Mas Zarina era a rainha. E ela tinha um plano: BLOU. O planetinha azul era sua esperança. Há séculos já se sabia da vida abundante existente naquele terceiro planeta do sistema solar. Porém, raras foram as sondas que conseguiram atravessar o glacial cinturão de rochas que envolve o planeta e chegaram até lá para colher dados. Expedições até foram enviadas, mas dava para contar em uma das patas os poucos que conseguiram retornar sadios e inteiros. Era arriscado ir até lá. Muito arriscado! As chances estavam todas contra ela. Zarina e todo o planeta estavam à beira de um colapso... E eles decidiram encarar. Toda uma civilização, todo um povo se pôs a viabilizar a viagem. Todo o esforço, todo o tempo, todo o sangue e conhecimento que tinham adquirido foi direcionado a esse fim. Milhares pereceram durante o processo. Testes e mais testes foram feitos. Tudo o que

eram e pretendiam ser dependia do sucesso absoluto da missão. E a rainha Zarina acompanhava tudo e todos de muito perto: ela mesma iria e lideraria a missão. Após uma translação inteira e centenas de protótipos que deram errado depois, a arca estava finalmente pronta! Boa parte de seu povo iria nela. Os que permaneceriam no planeta, aguardariam seu retorno, mesmo considerando isso algo remotamente possível. Havia toda uma esperança ali, havia um grande desejo, então, os que ficariam, não ficaram tão desanimados assim. Mas seus olhos marejaram, quando viram a arca sumir por entre as nuvens douradas... Um planeta inteiro estava em movimento! As coisas pareciam seguir bem conforme as previsões calculadas. O medo era sua estrada. Passando a exosfera, que já fora uma tremenda dificuldade, pois a gravidade do planeta era tamanha, a arca encararia a barreira gélida de rochas. As camadas finas foram facilmente superadas. As que dariam mais trabalho, e medo, eram as que sustentavam colossais icebergs no espaço! Contudo, até nisso todos ali pensaram. Após o descarte dos motores de propulsão auxiliares e, já na área de navegação espacial, a arca revelaria o seu próprio ferrão! Localizado na proa, ou seja, bem no bico da nave, o ferrão, todo feito de diamantes, seria acionado e funcionaria feito uma monstruosa broca, que atravessaria todo tipo de obstáculo à sua frente! A ideia era grosseira, mas totalmente funcional e prática, afinal, desviar das gigantescas pedras de gelo tomaria uma grande habilidade e um tempo preciosíssimo da tripulação, e isso eles não dispunham à mão. Zarina aprovou o projeto e vibrou vitoriosa junto a todos quando a arca transpôs a última grande pedra. Chegando a BLOU, permaneceram em órbita. Os milhares de satélites artificiais e a única pequena base espacial por lá não detectaram sua presença.

Zarina e seu povo sondaram todo o planeta. Eles procuravam uma anomalia bem específica. Mesmo com sensores de ponta, a varredura completa durou muitas luas terrestres. Essa espera foi angustiante! A esperança de todos quase morreu ali. Contudo, finda a busca, só um indivíduo, em toda BLOU, era cem por cento compatível. O indivíduo vivia só. Era jovem de excelente saúde física e mental. Era noite, madrugada, Vera estava na janela do seu quarto admirando de forma fascinada uma luminosidade dourada lá pelos lados de Sagitário. Vera sorria, parecia meio grogue e feliz. Zarina também sorria: a fertilização in vitro havia sido bem-sucedida! O futuro dos seus estava garantido. Bastava só esperar mais algumas horas.

BELENUS

Lucas da S. S. do Nascimento

A caça estava quente em seu ombro, enquanto a carregava de volta para o vilarejo. Acompanhando o rio, caminhava em silêncio, e de antemão agradecia aos deuses pelo alimento. Tão pequeno e tão ingênuo, ainda jovem o suficiente para conceber os deuses naturais. De cima eu o observava, e assim fazia com o seu povo há alguns anos. A hora, porém, já chegava, para que me aproximasse.

Desci e me pus sobre as águas, não muito longe. Preferi uma saudação silenciosa, deixando que minha visão discrepante com o cenário natural me denunciasse. Imediatamente notou a minha presença, incapaz de passar despercebida. Como imaginava, sua reação foi arremessar sua lança rudimentar em minha direção. Pobre homem, se desfez de sua arma em vão, pois a única coisa que ela acertou foi o fundo do rio, passando por minha imagem sem me causar mal algum.

Depois do que viu, e incapaz de entender o ocorrido, fugiu. Deixei-o ir, pois sabia que minha aproximação deveria ser paciente. Fiquei ainda alguns momentos pairando sobre a superfície da água, sentindo os respingos gelados e vendo a figura tremida dos peixes sob o rio. A lança se fincou fundo na areia abaixo, e refleti: “Esta é a parábola deste povo, uma aversão imediata ao desconhecido”. Era da minha vontade mudar aquilo.

Pela manhã do segundo dia, muitos deles surgiram pelas proximidades do rio, prontos para o suposto embate épico e divino. Ao invés disso, tiveram a surpresa de me encontrar no centro de seu vilarejo, ao cair do sol. Minha luz era mais forte do que qualquer fogo ou estrela, era maior do que o mais viril de seus jovens. Cercavam-me como uma matilha de animais, prontos a dilacerar o invasor. O medo transbordava naquele lugar e chegava a

ser visível.

Bastou que eu lhes mostrasse o fogo para que entendessem que eu não era mera besta ou aberração, mas sim uma primícia do tempo. A chama brotava ardente de minha mão direita e a deixei queimar mais e mais forte.

— Entendem, homens? Entendem quem sou?

Não houve resposta. Talvez sequer houvesse o vocabulário necessário para expressar coisas tão abstratas quanto eu próprio.

— Querem este fogo que tenho em minha mão? Eu posso dá-lo a vocês. E posso fazer-lhes saber muito, muito mais, se me aceitarem.

Esprei que baixassem as lanças. Era um povo assustado demais, vingativo demais, porém logo isso mudaria. O seu líder, já em idade avançada e dependendo do auxílio de um garoto para que se movesse, veio ao meu encontro. Convencido de que este talvez compreendesse,

142 levei-o comigo para visitar o outro plano.

Como um pai guia o filho pela mão, levei-o para fora de seu pequeno mundo, saindo de seu sistema e atravessando incontáveis estrelas. O tempo já não era um empecilho, pois com fluidez passamos por milhares de milhares de astros, vendo se afastar planetas, estrelas solitárias, pulsares, e muitas outras maravilhas que o simplório homem não poderia conceber, pelo menos não neste momento.

Finalmente, chegamos à minha casa, ao grande planeta amarelado. As construções se estendiam imponentes até o horizonte, apesar da superfície serena e quase desabitada. Os ventos curvavam os obeliscos e as luas iluminavam em vão as torres, pois elas tinham luz própria. Cada estrutura era alinhada em harmonia, como um só corpo poligonal. E mais alto do que todos esses, apenas um se destacava, um que pairava acima de

tudo e sobre tudo tinha autoridade. Este era eu, ainda cativo do planeta amarelo, comandando cada nanômetro de energia lá pulsante. Depois de tudo isto, cheguei-me ao que me acompanhava e o revelei as palavras de verdade, o segredo do meu mundo e o enigma final da vida. Somente a mim e a quem eu revelei é permitido compreender o meu dizer.

Tendo feito isto, percorri todo o caminho de volta, e retornei a consciência deste para o seu corpo. Sua feição havia mudado completamente e todos ainda se punham ao nosso redor, esperando o veredito de seu ancião. Com um sinal de mão e com as suas palavras desarticuladas, pediu para que acalmassem seus corações.

— Prepararemos três cervos para a oferenda. Estejam prontos amanhã à tarde.

Neste dia se deu o primeiro culto a mim, o primeiro de eras por vir. Assisti em silêncio enquanto sangravam os animais e os lançavam ao fogo que eu mesmo lhes proporcionei, triste por manterem suas crenças ritualísticas, mas feliz por reconhecerem a minha grandeza. Depois disto, pude ainda viver muitos anos com eles. Aos poucos introduzi a eles a escrita, o aço, o segredo das estrelas e tudo o que lhes era permitido saber enquanto um povo jovem.

Agora não me viam mais como um ser do incompreensível, mas aquele que a todos dá de conhecer; assim, em sua língua me chamavam de “O Brillhante”, cujo termo nativo talvez há tempos já tenha sido esquecido. Tendo-os deixado, prometi que outra vez me veriam em um futuro desconhecido até mesmo a mim, e iniciei minha jornada de volta, numa noite de solstício. Enquanto me afastava, as esperanças já cresciam do dia em que eles viriam a mim para me reencontrar.

De volta à minha casa e ao meu corpo, permaneci

incontáveis éons em paciente guarda e eterno meditar, ainda guiando o meu planeta do alto dos céus. Tanto esperei que as estrelas lentamente se despediam de mim assim como eu me despedi daquele povo, se afastando e morrendo uma a uma. Talvez a memória do “Brilhante” ainda vivesse em alguém daquele mundo, e a minha esperança ainda era viva e vigorosa. No devido tempo, quando tudo se escurecia, fui atendido.

Suas naves vieram como um enxame, tomando conta da paisagem à minha frente. Todas enormes e cheias de luzes, organizando-se com graça para a chegada, enfim. Apesar de tudo, senti tremenda amargura e melancolia, pois assim que meu coração se alegrou em encontrar aqueles risíveis homens que navegaram toda uma galáxia para me encontrar, os seus canhões desceram e se voltaram contra mim, numa investida sádica ao meu brilhar. Todos eles dispararam seus projéteis em conjunto, fazendo o horizonte explodir em luz ofuscante, anunciando o fim.

144

Não importava quantas eternidades haviam se passado, as suas reações eram as mesmas e os seus corações pediam apenas uma coisa: a imediata aversão ao desconhecido.

Os capítulos deste livro são compostos por variações da família Oxanium, criada por Severin Meyer, com características quadradas e futurista. Descrição via: <https://fonts.google.com/specimen/Oxanium>

O texto é composto em Crimson Text. A Crimsson é uma fonte serifada desenvolvida especialmente para livros impressos, autoria de Sebastian Kosch. Saiba mais em: <https://fonts.google.com/specimen/Crimson+Text>

Projeto Beta por
Coverge | Design Multidisciplinar
www.coverge.com.br
#universocoverge

COVERGE

Design Multidisciplinar
Criamos o que dá na telha.

www.coverge.com.br

Instagram | Twitter
[@estudiocoverge](https://www.instagram.com/estudiocoverge)



